

ISEPE

JOSEFA SHIRLEY LEAL SANTOS

**UMA EXPERIÊNCIA ESPECIAL COM ARTETERAPIA:
DA SOLIDÃO À INTERLOCUÇÃO.**

Rio de Janeiro

2010

JOSEFA SHIRLEY LEAL SANTOS

**UMA EXPERIÊNCIA ESPECIAL COM ARTETERAPIA:
DA SOLIDÃO À INTERLOCUÇÃO.**

Monografia de conclusão de curso a ser apresentada ao ISEPE como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Arteterapia.

Orientadora: Prof^ª Ms. Angela Philippini

Rio de Janeiro

2010

i

DEDICATÓRIAS

Ao meu amado pai, Manoel Emidio dos Santos (in memoriam), por me ensinar o valor da coragem de lutar pelas coisas importantes para nosso próprio coração.

Ao meu amado marido Marcelo Armony, grande companheiro amoroso e respeitoso, sempre me apoiando na construção dessa trajetória na arte de amar o SER. A vida é maravilhosa com você no meu mundo.

AGRADECIMENTOS

À Vida, escola que mais me ensina.

À Ana Tereza Camasmie, que guiou-me nos primeiros passos da caminhada para o grande encontro. Um caminho para além daquela que eu achava que deveria ser. Mestre da minha iniciação na sabedoria de ouvir o outro e primeira pessoa a falar-me sobre Jung e Arteterapia.

À Maria do Socorro Barroso do Amaral, que com sua paciência, arte e amor ajudou-me a encarar minhas sombras, acalmar meu “*animus*” e desvelar a pessoa que eu sou. Obrigada por cada momento que esteve comigo!

À Marly Tocantins, supervisora no meu estágio em psicologia para pessoas portadoras de necessidades especiais. Com alegria e confiança me ensinou a ver a verdadeira diferença dessas pessoas, aquela que é possível ser vista quando permitimos que se mostrem.

À Ângela Philippini, mestra que com estilo seguro e atento me acolheu e me orientou nos momentos de ansiedade, de dúvidas e de medo. Agradeço principalmente pela confiança em mim durante o percurso da prática do estágio em Arteterapia, seu apoio às minhas criações significou a construção da minha própria segurança pessoal e profissional.

À Márcia Vasconcellos pela valorosa orientação e contribuição na construção da minha escrita criativa.

À mamãe Nailda e às minhas irmãs Nana e Sandra, por me aceitarem como sou e pelo amor que nos une em qualquer circunstância da vida.

Aos queridos Beto e Nana, pela confortável acolhida em sua casa no 3º final de semana do mês, podendo ainda desfrutar da divertidíssima companhia do meu amado sobrinho Leandro.

À Valdelice, parceira de curso, pela acolhida em sua casa na 3ª sexta-feira do mês, com direito a sopa quentinha, acompanhada de conversas animadas sobre Arteterapia.

À turma PG7, pelo encontro rico em alegria, seriedade, criatividade e compromisso com a liberdade de existência da cada pessoa.

A todos os familiares e amigos que torcem pela minha realização pessoal.

Estou aqui para o encontro. Tudo o mais
é só desculpa para eu vir te encontrar, para
eu te ouvir e também poder falar.

Josefa Shirley Leal Santos

RESUMO

Este trabalho aborda a utilização da Arteterapia junto a portadores de necessidades especiais inseridos numa Instituição especializada em educação especial. A experiência com a prática da arteterapia para esse público viabilizou principalmente o desenvolvimento da comunicação e da expressão da subjetividade de cada jovem.

Palavras-chave: Arteterapia – Portadores de Necessidades Especiais – Comunicação – Subjetividade – Solidão – Interlocução.

ABSTRACT

This article approaches the utilization of Art-Therapy for people with special necessities within a specialized education institution . The practice of Art-Therapy for this population has main increased the development of the ability of communication and the expression of the subjectivity.

Key words: art-therapy – people with special necessities – communication – subjectivity – looneless - interlocution.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Um sonho de mudança – imagem da autora _____	01
Imagem 02: O Poder da Convivência – oficina de teatro _____	05
Imagem 03: Cidadania e Deficiência (http://4.bp.blogspot.com) _____	09
Imagem 04: Traduzindo-se – imagem da autora _____	13
Imagem 05: Ouroboros – http://teek.artspots.com/files/image/file/10664/resized/19_aris-ouroboros.jpg _____	26
Imagem 06: A Grande Mãe – www.jonathanart.com _____	27
Imagem 07: O Grande Pai – www.jonathanart.com _____	28
Imagem 08: Eu tenho meu estilo – imagem da autora _____	29
Imagem 09: Desenhando com os pés – Oficina de desenho _____	34
Imagem 10: Quero comida, amor e família – oficina de colagem _____	37
Imagem 11: Mostre a Fantasia – oficina de fantasias _____	39
Imagem 12: Alegre como a cigarra (desenho) _____	43
Imagem 13: Viajante como “O Equilibrista” (desenhando com fios) _____	43
Imagem 14: O Espelho (consciência corporal) _____	43
Imagem 15: O corpo se percebe - oficina de modelagem _____	44
Imagem 16: O corpo inteiro - oficina de desenho do corpo _____	45
Imagem 17: Formas e Estilos aparecem – oficina decorar o desenho do corpo _____	45
Imagem 18: Eu vejo você – oficina de teatro e fotografia _____	45
Imagem 19: Somos iguais em nossas diferenças _____	47
Imagem 20: Juventude em Notícia – oficina Jornal Mural _____	47
Imagem 21: Eu sou uma pessoa ... e gosto de ... - oficina produzindo uma identidade _____	48
Imagem 22: Desejos e Sonhos – oficina produzindo uma identidade _____	49
Imagem 23: O Jornal Mural – oficina produção do jornal mural _____	51
Imagem 24: Os Bonecos Falantes - oficina dramatização com bonecos _____	52
Imagem 25: Palavreando sonhos coloridos (desenho) _____	55
Imagem 26: Simbolizando um lugar no mundo (desenho) _____	56
Imagem 27: Experimentando missanga, cor e calma _____	56

SUMÁRIO

RESUMO _____	v
ABSTRACT _____	vi
LISTA DE IMAGENS _____	vii
APRESENTAÇÃO _____	01
INTRODUÇÃO _____	03
1. CAPÍTULO I - PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS _____	05
1.1 Portadores de Necessidades Especiais e Suas Principais Questões _____	05
1.2. Panorama Nacional Para Proteção de Portadores de Necessidades Especiais _____	09
2 CAPÍTULO II - O QUE É ARTETERAPIA? _____	12
2.1 Terapias Expressivas _____	12
2.2 Arteterapia _____	13
2.3 Breve Histórico _____	16
2.4 O Arteterapeuta _____	16
2.5 Arteterapia com abordagem Junguiana _____	17
3. CAPÍTULO III – UMA EXPERÊNCIA ESPECIAL COM ARTETERAPIA: DA SOLIDÃO A INTERLOCUÇÃO _____	24
3.1 Desenvolvimento psíquico na abordagem junguiana _____	24
3.1.1 As Fases do Desenvolvimento na Abordagem Junguiana _____	26
3.1.2 Estágio Ourobórico _____	26
3.1.3 Dinâmica Matriarcal _____	27
3.1.4 Dinâmica Patriarcal _____	28
3.1.5 Dinâmica do Herói e a Busca da Alteridade _____	29
3.2 O Estágio Arteterapêutico X O Programa Especial _____	30
3.3 O Grupo de Jovens e Adultos Especiais _____	31
3.4 Espaço e Cronograma. _____	32
3.5 O Grupo e a necessária identidade _____	33
3.6 E o que é mesmo autonomia _____	33
3.7 Perfil Inicial do Grupo _____	37
3.8 Vestindo a Fantasia _____	39
3.9 Estímulos Geradores de Autopercepção e Comunicação _____	39

3.10. Razão e Sensibilidade: útil e inútil? _____	40
3.11 Na arte do conto _____	42
3.12 Espelho, espelho meu mostre quem sou eu. _____	43
3.13 A interlocução através do Teatro e Fotografias. _____	45
3.14 Um Novo Perfil do Grupo. _____	46
3.15 Juventude em Notícia: construindo uma identidade. _____	47
3.16 Recriando e comunicando com bonecos de pano _____	51
3.17 Respeitando e harmonizando as diferenças _____	53
3.18 A Última pergunta _____	56
CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES _____	58
REFERÊNCIAS _____	62

APRESENTAÇÃO



Imagem 01- Um Sonho de Mudança

A meio-caminho na jornada da vida encontrei-me numa floresta escura tendo perdido o caminho.

Dante, "O Inferno" apud Hollis, 1995.

Para responder o porquê desse tema, tenho que contar o caminho que me fez chegar aqui. Não sei se eu escolhi o tema ou tema me escolheu, a história é de muitas mudanças e escolhas em busca de uma “certa” liberdade.

- Liberdade para quê?
- *Liberdade para SER.*
- Mas ser o que?
- *Talvez eu mesma?!*

Bem, sempre estive interiormente inquieta tentando achar o paraíso. Como estratégia para chegar ao paraíso, eu seguia o caminho padrão mapeado por nossa sociedade para uma pessoa “normal” chegar ao seu sucesso: estude muito, trabalhe, ganhe dinheiro, case-se, tenha filhos, viaje, coma bem, compre roupas da moda, compre um carro novo etc... Até que um dia dos meus trinta e poucos anos, tendo atingido algumas destas metas e falido em outras, meus motivos perderam a graça, eu também perdi a graça e fiquei muito, muito incomodada com a vida profissional que eu tinha e comigo mesma. Fazendo psicoterapia, comecei a entender a minha inquietação interior. Redescobri desejos esquecidos e recursos pessoais que me possibilitavam mudar a rota para realizá-los. Eu sempre dizia que seria psicóloga. Nessa experiência de redescoberta de sentidos, decidi voltar à faculdade, reaquecendo o que estava congelado no meu coração: o desejo de estudar Psicologia. Por causa do meu interesse na

Filosofia oriental, Camasmie (minha 1ª psicoterapeuta) me dizia: “*acho que você vai gostar da abordagem junguiana*”. De outra vez, indicou-me fazer Arteterapia como atividade terapêutica para reduzir meu estresse. Estava feliz no 1º período da faculdade cursando psicologia; trabalhava dez horas por dia como compradora numa empresa de moda e não fazia a menor idéia de quem era Jung ou do que era Arteterapia. Um dia, na faculdade, vi o anúncio de Maria do Socorro B. Amaral chamando para o “Curso Básico de Arteterapia Para Estudante de Psicologia”. Fui lá e fiz o curso. O curso terminou e continuei com Amaral trabalhando no meu processo de autoconhecimento através da Arteterapia de abordagem junguiana; essa experiência foi aumentando o sentido da Psicologia e da Arteterapia na minha vida. O curso de psicologia estava chegando ao fim, eu precisava de um estágio prático onde pudesse cumprir 600 (seiscentas) horas em 9 (nove) meses. O estágio no SPA da faculdade, sendo uma vez por semana, duraria 3(três) semestres ou 18 meses e atrasaria minha formação em mais um ano. Eu me demiti do emprego de compradora de moda, fiz inscrição na Pós-graduação em Arteterapia e fiquei pesquisando o estágio em psicologia que atendesse as horas necessárias em nove meses. Uma colega de faculdade me pediu que a indicasse para a empresa em que trabalhei, pois ela estava abandonando o curso de psicologia e o estágio numa Escola Especial. Então fizemos a troca: eu a indiquei para algumas empresas e ela me indicou para a escola especial. E lá estagiei por nove meses, somando 620 horas no núcleo de Arteterapia para crianças, jovens e adultos portadores de necessidades especiais, sendo orientada por Tocantins, Psicóloga Junguiana com formação em Arteterapia.

Terminei o estágio, me formei como Psicóloga e já estava a meio caminho andado da Pós-graduação precisando de um novo estágio e fazendo uma mudança de cidade. Sem conhecer ninguém na nova cidade, fiz o primeiro contato com os vizinhos do lado. A vizinha era diretora de uma Escola Especializada Para Portadores de Necessidades especiais. Entreguei-lhe meu projeto de estagio e foi aceito. Assim, envolvi-me em uma nova experiência com portadores de necessidades especiais.

O ganho relevante dessas experiências para mim foi ter aprendido a ver o humano no corpo ou na mente deficiente; e através da Arteterapia aprendi a proporcionar a essa população de crianças, jovens e adultos escondidos e excluídos, um caminho possível para a expressão do humano especial, favorecendo um espaço de criação da própria existência para reconhecerem-se não mais como uma engrenagem defeituosa da máquina social, mas se perceberem como pessoas que sonham, desejam, sentem e pensam como todos os Seres Humanos.

INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira vem debatendo a questão da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais nas escolas, no mercado de trabalho e nas atividades sociais em geral. A questão é que as instituições de ensino, o mercado de trabalho e até mesmo os espaços públicos carecem de um ambiente que favoreça a adequação e adaptação deste grupo populacional na vida coletiva em geral. Penso que é necessário, principalmente, que haja uma mudança de atitude para um interesse em conhecê-los como pessoas que são, não apenas suas necessidades físicas, mas que possam ouvi-los sobre o que desejam, o que querem e o que necessitam. Convivendo com essa população, percebe-se que poderiam ser qualitativamente atendidos em suas reais necessidades, se suas “vozes” (falada, escrita, desenhada, gestual ou dançada) fossem ouvidas e sua humanidade pudesse ser reconhecida. A pessoa portadora de necessidades especiais geralmente tem sua existência limitada em guetos como: grupo familiar, as instituições especializadas, os vários profissionais que os atendem e as igrejas que freqüentam acompanhando a família. Cada lugar desse conhece uma fórmula para atender suas necessidades que, sejam básicas ou especiais, focam a deficiência do sujeito sem considerar suas possibilidades singulares.

Esta pesquisa aborda a pratica da arteterapia em grupo como processo terapêutico de jovens adultos com limitações de aprendizado, deficiência física e conflitos emocionais expandindo a autopercepção e facilitando a expressão e a comunicação de suas subjetividades para seu meio familiar e social em geral. Favorecendo sua inclusão e participação em atividades de grupo e propiciando a redução do seu isolamento.

Como o processo arteterapêutico pode contribuir no desenvolvimento cognitivo e psicológico de jovens adultos com limitações de aprendizado e conflitos emocionais?

A prática da arteterapia pode contribuir para reduzir a solidão de pessoas com limitações cognitivas e físicas?

Como as estratégias arteterapêuticas auxiliam o desenvolvimento da autonomia criativa de pessoas com limitações de aprendizado, deficiência física e conflitos emocionais?

Estas são as perguntas que busco responder no decorrer da apresentação deste trabalho.

A pesquisa sobre os benefícios da Arteterapia como abordagem terapêutica para pessoas com deficiências pretende verificar a contribuição da ativação do processo criativo como meio possível a ser utilizado pela Instituição de Educação. Investigar como a Arteterapia facilita o desenvolvimento desse público quanto à autonomia criativa, a comunicação e

interação social, facilitando o seu processo de inclusão e participação em atividades cotidianas, tornando-os mais integrados na vida coletiva.

Investigar como construir um ambiente seguro no grupo, onde através do fazer artístico cada participante possa expressar conteúdos internos, desejos e medos, possibilitando o autoconhecimento; a percepção sobre a existência do outro; a resolução de conflitos pessoais e de relacionamento; o desenvolvimento geral da personalidade e a capacidade para fazer suas próprias escolhas.

Verificar os benefícios terapêuticos da prática da arteterapia, para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Analisar a contribuição do processo arteterapêutico para o autoconhecimento e da percepção de si e do outro, e da possibilidade de propiciar o aumento da capacidade destes jovens para a comunicação e a ação em grupo.

A pesquisa em questão foi pautada no modelo bibliográfico de pesquisa e ilustrada por estágio em Arteterapia.

CAPÍTULO I

PESSOAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

Neste capítulo apresentarei algumas das questões que são relevantes para pessoas portadoras de necessidades especiais.

Assim, primeiramente serão definidos alguns conceitos sobre o que pode caracterizar uma pessoa com necessidades especiais. Apresentarei algumas idéias sobre inclusão social e sobre a importância de defender direitos e facilitar condições de vida dos portadores de necessidades especiais.

1.1 – Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais E Suas Principais Questões.



Imagem 02 - O Poder da Convivência

A convivência entre os homens é o fator principal para geração de poder.

Hannah Arendt

A falta de entendimento das diferenças entre os seres humanos no decorrer da existência das civilizações fez com que os diferentes sempre fossem tratados de forma relativamente agressiva e confusa, sendo usados, rotulados, segregados, discriminados, excluídos e em alguns casos exterminados. Outras vezes pela mesma falta desse entendimento a própria pessoa diferente assume atitudes muito particulares como autopunição, o isolamento e a agressividade.

A sociedade, representada pelas Instituições em geral e pelas pessoas, de maneira voluntária ou involuntária, age de forma preconceituosa frente à questão da inclusão de pessoas portadoras de necessidades especiais nas instituições de ensino, no mercado de trabalho e em muitos espaços sociais. A inclusão da pessoa portadora de deficiência na sociedade não deveria mais ser encarada como um problema individual do portador e de sua família. Buscar maneiras de atender as necessidades especiais dessa população proporciona uma razão para lutar e amenizar os problemas enfrentados com a deficiência é uma maneira de reconhecê-los lhes dando oportunidades iguais na vida comum e principalmente a chance para ao menos tentarem entrar no mercado de trabalho.(1)

“Portadores de Necessidades Especiais” ou “Pessoas com Necessidades Especiais” são formas politicamente corretas criadas na atualidade para identificar o que antes chamávamos de deficientes, anormais, loucos etc. Estas denominações tratam em caráter temporário ou permanente, significativas diferenças físicas, sensoriais ou intelectuais, decorrentes de fatores inatos ou adquiridos, que acarretam dificuldades em sua interação com o meio social, necessitando, por isso, de recursos especializados para desenvolver seu potencial e superar ou minimizar suas dificuldades. (2)

Não é exagero afirmar que uma pessoa que apresenta uma diferença seja física, cognitiva ou psíquica, foi e continua sendo excluída da convivência social ou, no mínimo, encontra muita dificuldade para se integrar como cidadã com direitos e deveres na sociedade. Com a falta de estímulo, os próprios deficientes sentem-se excluídos. Basta ver as barreiras para locomoção, a falta de lugares adaptados para diversão, estudo, trabalho e etc. Atualmente está ocorrendo uma grande discussão sobre a inclusão de pessoas com necessidades especiais no meio social e aos poucos algumas mudanças políticas apontam um sentido de reconhecimento social do portador de deficiência.

Para Carneiro (3), as pessoas com necessidades especiais classificam-se em:

- Portadores de Deficiência Auditivos, Visuais (sensorial), Mental, Física, Múltipla;
- Portadores de Condutas Típicas (comportamentos típicos de portadores de síndromes e quadros psicológicos, neurológicos ou psiquiátricos com repercussão sobre o desenvolvimento e comprometimento no relacionamento social).

1. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

2. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

3. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

- Crianças de Alto Risco (aqueles que têm o desenvolvimento fragilizado em decorrência de fatores como: gestação inadequada, alimentação imprópria, nascimento prematuro, etc);
- Portadores de Altas Habilidades (também chamados de superdotados, são aquelas crianças que exibem elevada potencialidade em aspectos como: capacidade intelectual geral; acadêmica específica; capacidade criativa e produtiva; alto desempenho em liderança; elevada capacidade psicomotora; talento especial para artes).

Bechtold & Weiss (4) dizem que é necessário refletir no que se refere à inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais, como um todo, o que ainda esteja impedindo ou dificultando a presença ou permanência destes sujeitos no meio social. É imprescindível lembrar aos profissionais da educação e aos pais, que percebam que as pessoas com necessidades especiais possuam os mesmos direitos constitucionais, como qualquer outro cidadão. Devem, inclusive, lhes assegurar um ambiente sadio e adaptado à suas necessidades inclusivas.

Susan e William Stainback (1999) (5), falando de inclusão, dizem que não é uma ação ou um conjunto de ações, afirmam que a inclusão é uma atitude, uma convicção. Inclusão é um modo de vida, um modo de viver juntos fundado na convicção de que cada indivíduo é estimado e pertence a um grupo. Inclusão é uma consciência da comunidade, uma aceitação das diferenças e uma co-responsabilização para obviar às necessidades dos outros.¹

Labronici (2000) (6), refere que a participação em diferentes atividades tem recebido atenção crescente por oferecer aos portadores de deficiências físicas oportunidades para experimentar sensações e movimentos que frequentemente são impossibilitados pelas barreiras físicas, ambientais e sociais. Dentre as atividades, destaca-se o esporte, muitas vezes já indicado desde a fase inicial do processo de reabilitação. O espírito esportivo existente nesses portadores de limitação física é geralmente alto, tanto pela própria vontade de vencer, quanto de mostrar-se capaz. Por esse motivo, alguns centros de reabilitação focam no esporte. Entretanto, o acesso a esses centros nem sempre é fácil, devido especialmente às comunidades econômicas e sociais desfavoráveis.

4. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

5. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

6. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

Quando trata-se de deficiência mental a exclusão é ainda maior devido ao estereótipo frequentemente associado à pessoa com deficiência mental quanto a sua aparente incapacidade de analisar sua vida e expressar seus sentimentos, de dizer quem são e o que desejam. As pessoas com deficiências físicas ou sensoriais estão se integrando cada vez mais na vida da comunidade, porém, aquelas que têm uma deficiência mental, continuam isoladas em suas casas e instituições. Segundo Cruz & Barreto (2005) (7),

Trabalhar para pessoas com deficiência mental pode parecer deprimente para alguns e despertar sentimentos de pena em outros. No entanto, quando se sonha com um mundo melhor para estas pessoas, o que permite o trabalho não são sentimentos de depressão ou pena, mas sim a certeza de que é possível construir algo melhor e mais digno para ela. A pessoa portadora de deficiência mental, além de ser estigmatizada pelas próprias características de sua deficiência, acaba sendo isolada no meio social em que vive por não ser considerada como um adulto produtivo em potencial. Aos olhos preconceituosos, esta pessoa nada será quando crescer, portanto além de ser considerada criança inútil, acaba sendo pré-julgada como adulto inútil, que não contribuirá para o aumento de produção em nosso quadro social. Ao mesmo tempo ela acaba sendo bombardeada de atividades e compromissos que supostamente, dá a família certa esperança de que possa vir a ser útil um dia. (CRUZ & BARRETO, 2005).

Pode-se observar que uma das maiores barreiras a ser transposta pelo aluno com deficiência mental no processo de inclusão escolar diz respeito à organização simbólica da própria instituição escolar, que atrelada aos padrões massificadores do desenvolvimento humano, vem a se estruturar muito mais como uma prática social e compensatória do que formadora ao aluno, ao dimensionar sua diferenciação e não considerar adequadamente sua singularidade. De acordo com Gonzalez Rey (2003) (8), a *subjetividade* pode ser definida como:

A organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis do sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua. A compreensão da subjetividade de alunos com necessidades especiais desafia o estudo do processo de inclusão escolar, pois como se sabe são sujeitos que há muito são reféns de atribuições e configurações sociais que os desconsideram como sujeitos ativos e construtores. (GONZALEZ REY, 2003).

Pensar em inclusão e em construir uma educação que abranja todos os segmentos da população e cada um dos cidadãos implica uma ação baseada no princípio da não segregação, ou, em outras palavras, da inclusão de todos, quaisquer que sejam suas limitações e possibilidades individuais e sociais (MAZZOTA) (9).

7. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

8. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

9. Citado em Webartigos.com, em 25/10/2009.

1.2. Panorama Nacional Para Proteção de Pessoas com Necessidades Especiais



Imagem 03 - Cidadania e deficiência física(10)

A intenção de proteger pessoas portadoras de necessidades especiais passou a integrar as normas constitucionais brasileiras apenas recentemente, na Constituição Federal de 1988. A partir de então, graças à pressão social, criaram-se dispositivos legais em áreas como educação, trabalho, assistência social e acessibilidade física, para garantir a inclusão social das pessoas com necessidades especiais.

O artigo 208, III, da Constituição brasileira determina o atendimento educacional especializado aos alunos com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. A Educação Especial que tradicionalmente abriga as pessoas com necessidades físicas especiais, condutas típicas (psicoses, hiperatividade, etc.) e superdotação, seguem também os pressupostos formulados pela lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (lei n. o 9.394, de 20/12/1996) e é acolhida pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. (11)

As novas diretrizes para a educação especial, no decorrer da década de 1990, deram um novo sentido para a educação geral, buscando estratégias e métodos que respondam às crianças com necessidades especiais na rede regular de ensino. Esses instrumentos devem ser utilizados tanto pela criança com necessidades educacionais especiais, como por todos os outros alunos. Está, assim, prevista em lei a obrigação da escola receber esta clientela, com penalidades para quem a descumprir.(12)

10. <http://4.bp.blogspot.com>, em 26/10/2009.

11. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

12. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

No campo da educação, muitas são as barreiras a serem vencidas uma delas é o imaginário social que ainda é carregado de preconceitos, ainda enxergando a convivência com a deficiência como um tabu. Muitos professores têm a fantasia de que o trabalho com essa população é impossível. As escolas ainda alegam não estarem preparadas para receber esses alunos, mesmo sabendo que a lei os obriga a fazê-lo. As famílias, de certa forma, ficam "reféns" desta recusa, porque querem uma escola que acolha seus filhos de forma espontânea e competente, e por outro lado, muitas vezes, desconhecem que podem acionar mecanismos legais para que seus filhos tenham direito à escola. Todavia, cada vez mais, as políticas públicas no Brasil estão fortalecidas pelo ideário da inclusão. As leis federais obrigam os municípios a atuarem numa linha de trabalho que advoga a inclusão de segmentos marginalizados, dentre estes, as pessoas com deficiência. Hoje, existem programas de capacitação, material para formação docente e programas de gestão municipal que trabalham com a ótica da diversidade. O professor já tem mais acesso a informações - existe produção acadêmica vasta, cursos de formação, publicações, eventos, sites especializados, filmes que abordam a questão, revistas e muitas fontes que podem sensibilizar e instrumentalizar o professor para o trabalho da educação inclusiva. (13)

Na área do trabalho, um dos marcos conceituais é a Convenção 159 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), que visa assegurar medidas adequadas de reabilitação profissional a todas as categorias de pessoas com necessidades especiais, e promover oportunidades de emprego para essas pessoas no mercado regular de trabalho. As medidas para inclusão social das pessoas com necessidades especiais no trabalho têm como resolução principal e mais efetiva conteúdo do artigo 93 da lei n.º 8.213/91. Esse dispositivo torna obrigatório às empresas contratar um mínimo de pessoas com necessidades especiais, proporcionalmente ao número total de seus trabalhadores. Com base no Censo de 2000, estima-se que mais de nove milhões de brasileiros em idade produtiva poderiam entrar no mercado formal do trabalho, se lhes fossem proporcionadas condições adequadas de acessibilidade.(14)

13. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

14. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

Outra norma que merece destaque é a lei federal n. o 8.112, de 1990. Ela dispõe sobre o Regime Jurídico dos Servidores Públicos Civis da União, das autarquias e das fundações públicas federais. De acordo com seu artigo 5º, parágrafo segundo:

Às pessoas portadoras de deficiência é assegurado o direito de se inscrever em concurso público para provimento de cargo cujas atribuições sejam compatíveis com a deficiência de que são portadoras; para tais pessoas serão reservadas até 20% das vagas oferecidas no concurso.(15)

Pode-se dizer que na área do trabalho há respaldo das leis, todavia existe descompasso para pô-las em prática. Existem muitas empresas que ainda descumprem a lei de cotas. Micros e pequenas empresas, que são uma parcela significativa do mercado de trabalho no Brasil, estão de fora da política de cotas. Mas é possível observar algumas iniciativas interessantes, que conjugam política pública e iniciativa privada. Algumas subprefeituras fizeram levantamento da quantidade de pessoas com necessidades especiais de empresas, passíveis do cumprimento da Lei de cotas na sua localidade. E se propuseram a mediar esta questão, facilitando, por um lado, a colocação profissional das pessoas com deficiência na região onde moram e, por outro, o apoio e exigência às empresas pelo cumprimento da Lei de cotas. (16)

Recentemente o presidente da República regulamentou duas leis fundamentais. O decreto 5296 regulamenta as Leis 10.048, de 8 de novembro de 2000 e 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que estabelecem normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade. O decreto possui 72 artigos que primam por assegurar as condições de acessibilidade arquitetônicas, urbanísticas, de transportes, de comunicação e informação. Além de incorporar a importância das ajudas técnicas como área de conhecimento. As ajudas técnicas são tema fundamental no campo do atendimento às pessoas portadoras de necessidades especiais, propiciando informações relevantes seja sobre um equipamento, ou seja, outro recurso, que garantirá mais adequação entre o indivíduo e seu ambiente. Por exemplo: um alfabeto composto de letras imantadas para pessoas com dificuldades motoras é uma ajuda técnica aplicada ao ambiente escolar. (17)

No capítulo seguinte, apresentarei conceitos básicos da Arteterapia para compreendermos alguns pressupostos de ativação e desbloqueio do processo criativo que podem vir a facilitar a melhora na qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais e no seu processo de inclusão na comunidade.

15. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

16. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

17. Citado em www.saci.org.br, em 26/10/2009.

CAPÍTULO II

O QUE É ARTETERAPIA?

Neste capítulo farei uma breve apresentação da Arteterapia. Abordarei seu histórico, alguns de seus fundamentos teóricos e algumas das principais modalidades expressivas utilizadas. Buscarei tratar aqui dos benefícios da experiência arteterapêutica, para poder avaliar no próximo capítulo da presente monografia como este processo terapêutico pode beneficiar pessoas com necessidades especiais.

2.1. Terapias Expressivas

No texto “Terapias Expressivas”, Andrade (2000) descreve que é conhecido, historicamente, o valor das mais variadas expressões artísticas nas culturas humanas. A arte tem uma função simbólica, criando “substitutos da vida” sem nunca ser descrição do real. Permite ao homem expressar e ao mesmo tempo perceber os significados atribuídos à sua vida, na sua eterna busca de um ténue equilíbrio com o meio circundante. Manifesta relação profunda do homem com o mundo. No decorrer das épocas, serve a diferentes propósitos:

- Como subjetividades exercendo uma função mágica de aproximar-se do mistério e ser veículo dele.
- Como uma racionalidade com poder de crítica ou de aclaração de aspectos variados da vida.

Por meio da arte o homem pode unir o seu “eu” limitado e individual à existência coletiva, ao mesmo tempo, esta possibilita-lhe apoderar-se das experiências alheias. Com o seu carácter dionisíaco ou apolíneo, diversão ou conscientização, a arte revela o homem no mundo.

A arte pode ter uma função social e também terapêutica. Desde o teatro grego, por intermédio de níveis diversos de identificações, o público liberava sentimentos e emoções catarticamente. Esta mesma possibilidade é encontrada na música e na pintura onde, como no teatro, não apenas o artista estrutura seu mundo interior e o expressa por uma simbolização que é a obra de arte produzida, mas também o público participante tem a possibilidade de mobilizar a própria emoção. Porém, ainda que um indivíduo se beneficie terapêuticamente

participando de um espetáculo em qualquer nível, esse não é o objetivo primeiro destes eventos, seja uma obra, ou uma atividade artística.

De acordo com o estágio de uma sociedade, a arte é, em graus diferentes, concebida a partir de uma objetividade e/ou do sonho, do desejo, da intuição. Com a separação racionalista entre ciência, arte e religião, o artista, o louco, o profeta, como todo homem, deve ser entendido e explicado por teorias independentes dos desígnios do oculto. (ANDRADE, 2000, p. 39).

2.2 – Arteterapia



Imagem 04 – Traduzindo-se

Uma parte de mim é multidão outra parte estranheza e solidão.

Trecho do poema “Traduzir-se” de Ferreira Gullar.

A Arteterapia é um processo terapêutico expressivo, um caminho de autoconhecimento e individuação, mediado através de experiências artísticas que ampliam as potencialidades de cada um e geram transformações das relações pessoais e com o mundo.

Pain & Jarreau (1996) explicam que o trabalho de arteterapia se orienta de acordo com várias tendências que podem incluir qualquer tratamento psicoterápico que utiliza como mediação a expressão artística (dança, teatro, música, etc), mas defende a definição atual de arteterapia limitada ao que diz respeito à representação plástica: pintura, desenho, gravura, modelagem, máscaras, marionetes, porque estas atividades têm em comum a objetivação da representação visual do domínio figurativo a partir da transformação da matéria. Lembram ainda que a palavra arte aplicada aqui não é mais o ofício da recriação da beleza ideal, como também não está a serviço da religião ou da exaltação da natureza. “A ruptura brutal da arte contemporânea com aquelas que a precedem interrogou nossa época sobre a própria função da arte. Tais mudanças manifestam através da escolha da técnica e através da ideologia estética”. (Pain & Jarreau, 1996, p.9).

Pain & Jarreau (1996) descrevem as mudanças às técnicas contemporâneas citando a grande utilização de materiais de recuperação, a incorporação da fotografia e da fotocópia, as impressões (alto relevo), etc. Quanto às ideologias estéticas, citam a abstração, o surrealismo, o gestual, a cinética, o conceitual, o tachismo, entre outros. As autoras afirmam que essas diversificações da expressão artística inspiraram e garantiram as diferentes abordagens arteterapêuticas. Falando do sentido contemporâneo da palavra “terapia” as autoras consideram que a dimensão “terapia” subentende, neste caso, aquela da psique sem a qual nenhuma modificação duradoura do comportamento é considerada. O incluir implicitamente é também expandir o campo da prática, até então ocupado, quase que exclusivamente, pela ação psiquiátrica.

No projeto proposto pelas mesmas autoras o trabalho está centrado na pesquisa do sujeito para encontrar e elaborar um universo de imagens significativas de seus conflitos subjetivos. Esse procedimento obedece à hipótese da importância, para todo sujeito, de se dar os meios de simbolizar os termos de um conflito. Os obstáculos que impedem o acesso a esses meios são inconscientemente ligados ao próprio conflito, superá-los já é avançar no caminho da elaboração profunda.

Philippini (2004) apresenta, dentre as inúmeras formas de descrever o que é Arteterapia, considerar como um processo terapêutico que ocorre através da utilização de modalidades expressivas diversas. Segundo a autora, as atividades artísticas utilizadas configurarão uma produção simbólica concretizada, em inúmeras possibilidades plásticas, diversas formas, cores, volumes. Esta materialidade permite o confronto e gradualmente a atribuição de significados às informações provenientes de níveis muito

profundos da psique, que pouco a pouco serão apreendidos pela consciência. “A Arte é desbloqueadora, aproxima a pessoa da sensação e da emoção, dando acesso a conteúdos internos não explicados pela linguagem verbal. Criar é expressar a existência humana” (Philippini, 2004).

Para Andrade (2000), “é condição ‘*sine qua non*’ que a *arte* esteja no centro do trabalho para este ser considerado como arteterapia. A arte é, portanto, a coluna vertebral da Arteterapia, a única justificativa para a mesma se constituir como uma disciplina diferenciada” (p. 40).

O processo de Arteterapia dá-se pela experimentação de diversas manifestações artísticas: artes plásticas, música, dança, teatro, escrita entre outros. A modalidade expressiva atua de maneira diferenciada num indivíduo, despertando conteúdos a serem observados e trabalhados, dentro dos limites individuais, colaborando para que sejam encontradas soluções criativas para problemas e para que esses sejam enfrentados com maior segurança, melhorando a qualidade das relações pessoais e a qualidade de vida do indivíduo.

Rhyne (2000) defende que a autodescoberta pela arte pode e frequentemente leva não apenas à auto-realização, mas também a um aumento da capacidade de comunicação, compreensão, relacionamento e compromisso com os outros. Pensa-se que o trabalho terapêutico que utiliza-se de recursos da arte pode promover o desenvolvimento emocional dos indivíduos que com ele têm contato, dado o aumento da capacidade de comunicação, da percepção e entendimento de si mesmo e, com isso, proporciona uma vida mais saudável.

A Arteterapia não objetiva uma avaliação estética das produções realizadas, mas a recuperação da possibilidade de cada indivíduo criar livremente e com isso ativar seus núcleos saudáveis, encontrando formas de comunicar-se, relacionar-se e estar no mundo.

Por ser uma técnica de atuação sutil e por combinar elementos expressivos e criativos, a Arteterapia pode ser aplicada a pessoas de todas as idades, de crianças a idosos, individualmente ou em grupos. Esta prática é muito eficaz em casos de dependência química, hiperatividade, deficiência auditiva e visual (dentre outros problemas físicos), doenças degenerativas como Mal de Alzheimer, doenças mentais e em casos de dificuldade de comunicação verbal. A Arteterapia pode também ser usada profilaticamente, como possibilidade de evitar doenças físicas e/ou mentais, através da melhoria da qualidade de vida do indivíduo.

2.3. Breve Histórico

Segundo Philippini apud Terra (2007), o homem das cavernas acreditava que ao pintar os animais que queria caçar, ganhava poderes para realizá-lo. Os índios usavam – e usam - a dança e o canto tanto para evocar a chuva para obter uma boa colheita, quanto para curar doenças. Na Antiga Grécia, o teatro e a dança também tinham efeitos curativos, como contam os relatos sobre Epidauro, centro de cura onde as pessoas participavam de manifestações artísticas e entravam em contato com as divindades para obter a cura para seus males. Philippini afirma que podemos pensar em Arteterapia como um processo terapêutico que resgata técnicas milenares de promoção, prevenção e expansão da saúde.

Pain & Jarreau (1996) apresentam um breve histórico da arte com fins terapêuticos desde o final do século XIX, onde psiquiatras estão interessados nas produções plásticas dos alienados; Mohr (1906), Simon (1876 e 1888), Prinzhorn (1922) facilitaram suas produções, colecionaram-nas e estudaram-nas. No mesmo período pedagogos inovadores encorajaram a expressão criadora na criança, praticando os métodos de pedagogia ativa. Tais como Decroly, Freinet, Montessori, Eudolf Steiner.

No Brasil, a doutora Nise da Silveira (1906 - 1999) foi uma das primeiras pessoas a utilizar a arte com finalidade terapêutica. Ela criou oficinas de arte dentro do Centro Psiquiátrico Pedro II, no Rio de Janeiro, onde buscava compreender o universo mental dos internos a partir de suas criações, tendo como base a teoria junguiana.

2.4 - O Arteterapeuta

Pain & Jarreau (1996) definem três domínios necessários para definir os conhecimentos e a práxis necessária para se organizar um ateliê com vocação terapêutica:

- domínio da técnica das atividades plásticas;
- domínio da psicologia da representação e da expressão;
- domínio da arte, sua significação e sua história.

Conhecer os três domínios não significa a obrigação de ter uma especialização em cada uma dessas três disciplinas, o que não é viável, mas que elas exigem uma preparação contínua de certas zonas que concernem o procedimento arteterapêutico (ibidem, p.16).

Philippini (2004) defende que para a realização do processo arteterapêutico é fundamental que o profissional crie um *setting* acolhedor, que dê segurança ao cliente, onde este se sinta estimulado e livre para criar e, assim, acessar seus conteúdos internos. Para isso, algumas condições são necessárias: é importante que o arteterapeuta, além de ter uma boa formação teórica, conheça bem as modalidades expressivas com as quais vai trabalhar, que esteja ele mesmo experimentando-as em um ateliê ou outro espaço de trabalho. Assim como é interessante que apresente ao cliente a maior gama possível de modalidades e materiais expressivos, para que este descubra as suas vias de expressão. É interessante ainda que o arteterapeuta esteja vivenciando, ele mesmo, um processo terapêutico, para estar em dia com as suas próprias questões e, como afirma Philippini,

é tarefa do arteterapeuta construir, manter, cuidar e ampliar espaços acolhedores ao processo criativo para que as subjetividades imagéticas tenham vez e voz e, deste modo, cada um possa se reconhecer em sua própria produção expressiva e favorecer a expressão e expansão das atividades criativas de cada cliente, através do convívio terapêutico, o que será facilitado também pela construção e ampliação das próprias vivências criativas do arteterapeuta. (2004, p.29).

2.5 – Arteterapia com abordagem junguiana

A prática de Arteterapia pode ter referenciais teóricos diversas, dos quais podemos citar alguns: gestálticos, antropofósicos, comportamentais e junguianos. Neste estudo, estaremos tratando principalmente dos conceitos da Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, por ser a base de nossa formação e dos nossos estudos que têm como eixo conceitos junguianos.

Jung foi médico e psiquiatra; nasceu na cidade de Keswill, na Suíça em 26/07/1875 e viveu até 06/06/1961. Conviveu com Bleuler, Adler, Freud e outros grandes nomes da psiquiatria da época. Fora da área médica, Jung manteve contatos e trocou idéias com grandes gênios da física como Einstein, Pauli, e outros. Estudou profundamente os grandes filósofos como Schopenhauer, Nietzsche e Kant. Foi buscar lastro para suas idéias também na Alquimia, na Mitologia, nos povos primitivos da Ásia, África e Índios Pueblos da América do Norte. Visitou, entre tantos lugares, a Índia, em busca de respostas para suas dúvidas mais íntimas. (Silveira, 1997).

Jung foi sujeito de suas próprias experiências no que se refere à investigação do inconsciente. Tudo o que ocorria com ele, incluindo os sonhos, fantasias e intuições, que para a maioria das pessoas passaria despercebido, era para Jung uma fonte de pesquisa e análise. Silveira (1997), afirma que se pode representar a psique, no conceito junguiano, como um vasto oceano (inconsciente) no qual emerge pequena ilha (consciente). O ego é definido por Jung como um complexo de elementos numerosos, formando uma unidade coesa que transmite impressão de continuidade e de identidade consigo mesma.

O psiquiatra Carl G. Jung foi um dos pioneiros na utilização da arte como recurso terapêutico. Segundo Silveira (1992,p 40), a psicologia junguiana reconhece na imagem grande importância.

Jung vê nos produtos da função imaginativa do inconsciente auto-retratos do que está acontecendo no espaço interno da psique, pois é peculiaridade essencial da psique configurar imagens de suas atividades por um processo inerente à sua natureza. O psiquiatra suíço acreditava que as imagens produzidas dos pacientes eram carregadas de conteúdos simbólicos, cuja origem era o Self de cada um, e que lidar com esses símbolos, reconhecê-los e dar sentido a eles, é uma forma de estar restaurando esta essência (Self), resgatando a totalidade, reintegrando, individuando. (1992, p. 40).

Divergindo do conceito freudiano de libido, Jung entendeu libido como energia psíquica de uma maneira global. A energia psíquica (libido) “é a intensidade do processo psíquico, seu valor psicológico” Silveira (1997 p. 40). A autora explica que não se trata de valor em acepção moral, estética ou intelectual. Significado de valor aqui é de intensidade, “que se manifesta por efeitos definidos ou rendimentos psíquicos” (ibidem, p. 40). Fome, sexo, agressividade seriam expressões múltiplas da energia psíquica, tal como calor, luz, eletricidade são manifestações diferentes da energia física.

Silveira (1997) diz que o conceito junguiano de psiquismo (consciente e inconsciente) é concebido como um sistema energético, relativamente fechado, possuidor de um potencial quantitativo que permanece o mesmo por intermédio de suas múltiplas manifestações durante toda a vida de cada indivíduo. No sistema psíquico, a quantidade de energia é constante, varia a distribuição.

Se, um grande interesse por este ou aquele objeto deixa de encontrar nele oportunidade para aplicar-se, a energia que alimentava o interesse tomará outros caminhos: surgirá talvez em manifestações somáticas, virá reativar conteúdos adormecidos no inconsciente, construirá enigmáticos sintomas neuróticos. (SILVEIRA, 1997, p.40).

O inconsciente na psicologia junguiana encontra-se representado em duas dimensões: inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.

O **inconsciente pessoal** refere-se às camadas mais superficiais do inconsciente, cujas fronteiras com o consciente são bastante imprecisas. Percepções e imprecisões subliminares dotadas de carga energética insuficiente para atingir o consciente; idéias indiferenciadas; traços de acontecimentos ocorridos durante o curso da vida e perdidos pela memória consciente; recordações penosas de serem lembradas; grupos de representações carregadas de fortes potenciais afetivos, incompatíveis com a atitude consciente (complexos) estão incluídos no inconsciente pessoal e aí também está oculto nosso lado negativo. (Silveira, 1997).

O **inconsciente coletivo** “corresponde às camadas mais profundas do inconsciente, aos fundamentos estruturais da psique comum a todos os homens” (Silveira, 1997, P. 64). Numa interpretação psicológica funciona como denominador comum que reúne e explica numerosos fatos impossíveis de entender no momento atual da ciência, sem sua postulação. Os conteúdos que constituem o inconsciente coletivo são impessoais, comuns a todos os homens e transmitem-se por hereditariedade. (ibidem, p. 64).

Arquétipos são outro conceito essencial da psicologia analítica.

São considerados matrizes arcaicas onde configurações análogas ou semelhantes tomam forma. Postulando a existência de uma base psíquica comum a todos os seres humanos, a noção de arquétipo possibilita a compreensão do porquê em lugares e épocas distintas aparecem temas idênticos nos contos de fadas, nos mitos, nos dogmas e ritos religiosos, nas artes, na filosofia, nas produções do inconsciente de um modo geral – seja nos sonhos de pessoas normais, seja em delírios de loucos (SILVEIRA, 1997, p.68).

Nem toda imagem arquetípica é um símbolo por si só, mas em todo símbolo está sempre presente a imagem arquetípica como fator essencial, mas, para construí-lo, a essa imagem devem ainda juntar-se outros elementos. O que é então um símbolo? Silveira transcreve o que Jung explicou.

Um símbolo não traz explicações; impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra de língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória. Símbolos são expressões de coisas significativas para as quais não há, no momento, formulação mais perfeita. Exemplo: a imagem da caverna, descrita por Platão, onde homens acorrentados vêem apenas o movimento de sombras sem se darem conta de que desconhecem a verdadeira realidade. (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p. 69).

O problema da comunicação entre as pessoas era de grande importância para Jung. Percebia em sua clínica que a presença do outro era um desafio constante. Pois, longe de nos

parecer semelhante ao outro como gostaríamos, ele nos parece muito mais dessemelhante.

Quando Sartre diz que a existência do outro o atinge em pleno coração, que sua presença lhe traz uma sensação de mal-estar, que por causa do outro se sente perpetuamente em perigo, defini uma atitude de introversão. Já na pintura de Matisse acontece o contrário. O objeto é glorificado. Ele retira da atmosfera que o envolve para dar-lhe marcados contornos e colorido intenso. Uma feliz relação estabelece-se entre o homem e o mundo. (SILVEIRA, 1997, p.46).

Jung desenvolveu a teoria dos tipos psicológicos a fim de nos orientar melhor dentro dos quadros de referência do outro. Mas afirmou que é só uma maneira de classificação de tipos psicológicos e não a verdadeira ou única possível. De forma bem resumida apresentaremos a teoria dos Tipos Psicológicos de Jung que poderá ser vivida de duas formas opostas complementares, em termos de movimento da energia psíquica:

- *Extroversão e Introversão* – Atitude diante do objeto/ mundo. Diferencia os que partem rápidos e confiantes ao encontro do objeto (Extrovertidos), daqueles que hesitam, recuam, como se o contato com o objeto lhes infundisse receio ou fosse uma tarefa demasiada pesada (Introvertidos). Estes termos baseiam-se na maneira como se processa o movimento da libido (energia psíquica) em relação ao objeto. Na personalidade consciente extrovertida verifica-se na circulação da libido uma energia inconsciente de introversão e do mesmo modo na personalidade consciente introvertida verifica-se uma energia inconsciente de extroversão. Tanto a introversão, quanto a extroversão em graus exagerados podem gerar patologias ou estados mórbidos.
- *Sensação ou Intuição + Pensamento ou Sentimento* – funções psíquicas, formas de percepção e julgamento do objeto/ mundo. Jung percebeu que um introvertido poderia diferir enormemente de outro, embora reagissem de modo análogo frente aos objetos. O mesmo acontecia no grupo dos extrovertidos. Após muita observação e pesquisa Jung concluiu que as diferenças dependiam da função psíquica que o indivíduo usava preferencialmente para adaptar-se ao mundo exterior. São quatro funções de adaptação que a consciência usa para fazer o reconhecimento do mundo exterior e orientar-se. Todas as pessoas possuem as quatro funções, entretanto sempre uma dentre elas se apresenta mais desenvolvida e mais consciente que outras três. Daí ser chamada função principal. Melhor seria que as quatro funções se equilibrassem conscientemente.

A sensação constata a presença das coisas que nos cercam e é responsável pela adaptação do indivíduo à realidade objetiva. O pensamento esclarece o que significam os objetos. Julga, classifica, discrimina uma coisa da outra. O sentimento faz a estimativa dos objetos. Decide o valor que tem para nós. Estabelece julgamentos como o pensamento, mas a sua lógica é toda diferente. É a lógica do coração. A intuição é uma percepção via inconsciente. É apreensão da atmosfera onde se movem os objetos, de onde vem e qual o possível curso de seu desenvolvimento. (SILVEIRA, 1997, p.48).

Um outro importante conceito da psicologia analítica é o **conceito de complexo**. Sua importância deve-se a sua influência no mal estar ou o bem estar da vida do indivíduo. Trazer os complexos inconscientes à consciência é tarefa importante para o conhecimento do si mesmo, assim como para o tratamento das neuroses. Uma das descrições de complexos feitas por Jung é

A imagem de situações psíquicas fortemente carregados de emoção e incompatíveis com a atitude e a atmosfera consciente habituais. Essa imagem é dotada de forte coesão interna, de uma espécie de totalidade própria e de um grau relativamente elevado de autonomia. (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p.32).

Para tornar um complexo consciente é preciso que ele seja percebido intelectualmente, mas, principalmente, precisa ser percebido afetivamente. Esses afetos devem ser exteriorizados por meio de descargas emocionais. Silveira cita as práticas primitivas para curas de choques e traumas. “Os primitivos davam expressão a choques e traumas emocionais por meio de danças e cantos repetidos inúmeras vezes, até que se sentissem purgados desses afetos” (Silveira, 1997, p.32).

Se não nos afetamos sentimentalmente e sensorialmente na conscientização de um complexo, ele se manterá imerso no inconsciente-corpo, produzindo sintomas somáticos e psíquicos irracionais.

Arrisco dizer que felicidade e realização na psicologia analítica tem conexão com o *Self*. Pois, esta felicidade é a realização do *si mesmo* e para conquistá-la é necessário um intenso e duro trabalho emocional o que Jung nomeou de **Processo de Individuação**. Este processo é uma jornada de confronto do inconsciente com o consciente, de conflito e também de colaboração entre ambos, onde diversos componentes da personalidade amadurecem e unem-se numa síntese, na realização de um indivíduo singular e inteiro. Esse movimento que é de circunvoluções conduzirá a conexão fluente um novo centro psíquico, o qual Jung denominou de *Self* (Si Mesmo). (Silveira, 1997).

O “desvestimento” das falsas roupagens da *persona* é o início do trabalho no processo de individuação. Para adaptar-se às exigências do meio externo, o homem assume uma aparência que geralmente não expõe o seu verdadeiro modo de ser. É mais como uma representação do que os outros esperam dele, ou um modo como desejaria ser. Este modo de ser superficial Jung chamou de *persona*. Os modelos da *persona* são geralmente recortes tirados da psique coletiva. O perigo acontece quando o indivíduo funde-se com suas *personas* (cargos, títulos, papéis sociais diversos), o que pode reduzi-lo a uma impermeável casca de revestimento. Quanto mais aderida for a *persona* à pele do ator, tanto mais dolorosa será a operação psicológica para despi-la. Quando essa máscara é retirada aparece-lhe uma face desconhecida e por vezes desagradável, a qual Jung chamou de *sombra*. (Silveira, 1997).

A **sombra** é o lado desconhecido e escuro, onde moram todas as coisas que nos desagradam, ou mesmo que nos assustam. Coisas que não aceitamos em nós, aquilo que nos repugna e por isso reprimimos, nós a projetamos no outro, no nosso vizinho, no nosso inimigo político ou numa figura símbolo como o demônio. Assim caminhamos inconscientes de que as abrigamos dentro de nós. Se a sombra for demasiadamente reprimida se tornará mais espessa e obscura. Iluminar esses recantos escuros do nosso inconsciente tem como resultado o alargamento da consciência e assim, já não será o outro quem está sempre errado. Mas a sombra também pode esconder aspectos positivos: qualidades valiosas que não se desenvolvem, devido uma condição externa desfavorável ou porque o indivíduo não dispõe de energia suficiente para levá-las adiante, principalmente se isso exige ultrapassar convenções vulgares (ibidem, p. 81).

Após conhecer a própria sombra a próxima etapa difícil a se apresentar é a confrontação com a alma ou *Animus*.

Anima é a feminilidade inconsciente no homem. Uma feminilidade indiferenciada, inferior, manifesta-se, na rotina de um homem, por despropositadas mudanças de humor e caprichos. Agregam-se também as experiências fundamentais que o homem teve com a mulher através de milênios. A alma é o arquétipo do feminino. É uma função psicológica da mais alta importância. Tem como trabalho mediar o relacionamento entre o consciente e inconsciente, e a relação com o mundo externo, na qualidade de sentimento conscientemente aceito.

Animus é o arquétipo do masculino que tem a função mediadora entre inconsciente e consciente na mulher, bem como com o mundo externo. O *Animus* é a minoria do que é masculino existente no psiquismo da mulher. Essa masculinidade é inconsciente e manifesta-

se geralmente como a intelectualidade mal diferenciada e simplista. O Animus se opõe a própria essência da natureza feminina, que busca relacionamento afetivo. A hipertrofia do Animus resultará em humor queixoso, em quebra de laços de amor. O Animus condensa as experiências que a mulher vivenciou nos seus encontros com o homem no curso dos milênios.

O self enfim prevalece após as lutas que desfazem as personificações da anima ou do animus, o inconsciente muda de aspecto aparecendo sob uma forma simbólica nova representando o **núcleo mais interior da psique**. (Silveira, 1997, p.87).

Jung explica que

A energia do ponto central manifesta-se na compulsão quase irresistível para levar o indivíduo a tornar-se aquilo que ele é, do mesmo modo que todo organismo é impulsionado a assumir a forma característica de sua natureza, sejam quais forem as circunstâncias. (JUNG apud SILVEIRA, 1997, p.89).

Hollis (1995, p. 131) explicando sobre individuação, diz que o que devemos saber virá de dentro de nós. “Se pudermos alinhar a nossa vida com essa verdade, não importa quão difíceis os desgastes do mundo, sentiremos efeito benéfico, esperança e vida nova”. O autor afirma que só podemos retomar nosso curso restabelecendo a ligação com a nossa verdade interior.

Sobre a prática da Arteterapia com abordagem junguiana Philippini diz:

Tornar-se um arteterapeuta, que trabalha com as referências teóricas da abordagem junguiana (PSICOLOGIA ANALÍTICA), requer disposição interna para um árduo trabalho de conhecimento e reconhecimento de linguagens expressivas diversas, acompanhado de treinamento teórico específico que abranja a compreensão dos dinamismos psíquicos envolvidos na relação terapêutica, buscando entendimento do simbolismo universal contido na escolha dos materiais, e no incansável estudo das múltiplas formas de representação das transformações da psique, armazenadas desde sempre, na história da humanidade e no Inconsciente Coletivo. (PHILIPPINI, 1995).

No próximo capítulo verificaremos como a Arteterapia com base no referencial teórico da Psicologia Analítica, apresentada aqui em linhas gerais, pode beneficiar pessoas portadoras de necessidades especiais no seu processo de desenvolvimento psíquico contribuindo na melhora da qualidade de vida deste público.

CAPÍTULO III

UMA EXPERIÊNCIA ESPECIAL COM ARTETERAPIA: DA SOLIDÃO À INTERLOCUÇÃO.

*Poder é a condição da existência do homem falante e atuante;
dominação e violência são o espaço dos mudos e imobilizados.*

Hannah Arendt

Esse capítulo apresentará alguns relatos referentes a experiências práticas do Processo Arteterapêutico, com base na abordagem teórica junguiana, realizado em estágio aplicado a grupo de jovens portadores de necessidades especiais atendidos por uma Escola Especial para portadores de necessidades especiais numa cidade da região Centro Sul do Estado do Rio de Janeiro.

3.1. Desenvolvimento psíquico na abordagem Junguiana

Voltarei a abordar conceitos Junguianos para apresentar sua visão acerca da psique, das etapas da vida humana, o que justifica-se neste trabalho por ajudar a pensar o desenvolvimento psíquico e a subjetividade do grupo e seu processo de conscientização.

Jung (1931) abordou os problemas das etapas da vida humana sinalizando que é uma tarefa muito complexa, pois para descrever fielmente a vida psíquica de uma pessoa seria necessário traçar um quadro desde o seu berço até sua sepultura. Assim, em seus estudos e escritos essa tarefa só pode ser feita em linhas gerais, tratando apenas de questões centrais, dos problemas que poderiam ser observados e pesquisados permitindo respostas que não são suficientemente seguras se levamos em conta a subjetividade do ser humano. A vida psíquica do homem civilizado é cheia de problemas e Jung afirmava que é em termos de seus problemas que deve ser explicada.

Segundo Jung (1931), os processos psíquicos do homem civilizado são constituídos de reflexões, dúvidas, experimentos graças ao crescimento da consciência ao qual devemos a existência dos problemas. Se a vida psíquica fosse constituída de evidências naturais, como no estágio primitivo do homem, nos contentaríamos apenas com um empirismo decidido.

Seríamos identificados à natureza e a psique instintiva e inconsciente, desconheceria, por exemplo: a dúvida. O instinto é natureza e deseja perpetuar-se com a natureza, ao passo que a consciência só pode querer a civilização ou a sua negação. Quando o Homem se identifica com a natureza, se torna inconsciente e vive na segurança dos instintos que desconhecem problemas. Tudo aquilo no Homem que está ligado à natureza tem pavor de qualquer problema, porque aí se enquadra a dúvida, a incerteza e possibilidade de caminhos divergentes. A possibilidade de caminhos diferentes dá medo, porque a consciência é chamada para fazer tudo aquilo que a natureza sempre fez em favor de seus filhos, como exemplo: tomar decisões seguras, inquestionáveis e inequívocas. Daí o medo humano de que a consciência, a conquista que nos dá esperança, no fim não seja capaz de nos servir tão bem quanto a natureza. Assim nos encontramos conscientes e num estado de soledade e de orfandade absoluta obrigados a tornar-nos conscientes.

Jung diz que cada problema pode possibilitar a ampliação da consciência, mas também a necessidade de desprendimento dos traços infantis e de confiança inconsciente na natureza. Jung citou que esta necessidade é um fato psíquico tão importante, que constitui um dos ensinamentos simbólicos mais essenciais da religião cristã.

É o sacrifício do homem puramente natural, do ser inconsciente e natural, cuja tragédia começou com o ato de comer a maçã no paraíso. A queda do homem segundo a Bíblia, nos apresenta o despontar da consciência como uma maldição, E é assim que vemos qualquer problema que nos obriga a uma consciência maior e nos afasta mais ainda do paraíso de nossa infantilidade inconsciente. Cada um de nós espontaneamente evita encarar seus problemas, enquanto possível; não se deve mencioná-los, melhor ainda, nega-se sua existência. Queremos que nossa vida seja simples, segura e tranqüila, e por isto os problemas são tabu. Queremos certezas e não dúvidas; queremos resultados e não experimentos, sem nos darmos conta de que as certezas só podem surgir através da dúvida, e os resultados através do experimento. Assim, a negação artificial dos problemas não gera a convicção; pelo contrário, para obtermos certeza e clareza, precisamos de uma consciência mais ampla e superior. (1)

Para Jung (1931) quando temos que lidar com problemas; instintivamente nos recusamos a percorrer um caminho que nos conduz através de obscuridades e indeterminações. Falamos de resultados inequívocos e esquecemos de que os resultados só podem vir depois que atravessamos a obscuridade. Para penetrar a obscuridade, é necessário lançar mão de todo o potencial de iluminação que a consciência nos oferece.

1. Conferência publicada parcialmente em *Neue Zürcher Zeitung*, 14/16 de março de 1930; nova redação sob o título de *Die Lebenswende* aparecida em *Seelenprobleme der Gegenwart, Psychologische Abhandlungen III* (1931).

3.1.1. As Fases Do desenvolvimento na Abordagem Junguiana

Para *Jung*, o desenvolvimento da psique parte de um estado original de indiferenciação. O inconsciente existe à priori, contendo todas as possibilidades e potencialidades do sujeito. Ao longo da infância a consciência vai se estruturando, diferenciando-se do inconsciente.

Para Newman apud Diniz (2004), as fases de desenvolvimento do indivíduo repetem as da humanidade, as quais são representadas pelos mitos.

Sua teoria é uma releitura do desenvolvimento humano comparando-o ao desenvolvimento da humanidade que se dá através de Ciclos Arquetípicos de Desenvolvimento, sendo estes considerados “evolutivos-estruturantes”, referindo-se: “... a transformação progressiva da consciência”.(DINIZ, in Revista Imagens da Transformação nº. 11, Vol. 10, 2004).

Assim, na abordagem junguiana, os estágios do desenvolvimento da criança partem de um estado de indiferenciação total, observado nos mitos de Origem; passam pelo Matriarcado, onde prevalece o culto à Deusa ou à Grande Mãe e, posteriormente, chegam ao Patriarcado, ao culto aos deuses, ao despertar da Consciência. Seguindo essa seqüência, o sujeito chega à vida adulta, onde vivencia a Alteridade, caminhando rumo ao encontro com o outro até chegar à Dinâmica Cósmica, trazendo a consciência e a re-significação da finitude da existência humana (ibidem, 2004).

3.1.2. Estágio Ourobórico



imagem 05: Ouroboros

A primeira fase do desenvolvimento infantil tem o ouroboros como a representação mitológica da imagem alquímica do dragão que devora a si próprio; a serpente alada, que se engendra e engole a própria cauda.

Trata-se do período inicial do desenvolvimento humano, abrangendo a fase intra-uterina e os primeiros meses do bebê (a que Neumann chama de Fase Embrionária Pós Uterina). Neste período não há distinção entre eu-outro, mundo interno-mundo externo, nem diferenciação entre ego e Self. O mundo é, portanto, dotado de duplo sentido: não existe a noção de tempo. A criança vivencia a eternidade, estando num universo que a envolve e a contém, circunda, protege e nutre. Vive num mundo de potencialidade e possibilidades, onde tudo existe, mas nada tem forma, vivenciando o obscuro, o Caos, retratado nos Mitos de Origem. Caracteriza-se também por um mínimo de desconforto e tensão e um máximo de segurança, e também pela unidade entre o eu e o tu, entre o Self e o mundo, se o referenciarmos ao mitológico, pode ser considerada paradisíaca. (Diniz, in Revista Imagens da Transformação n°. 11, Vol. 10, 2004).

3.1.3. Dinâmica Matriarcal

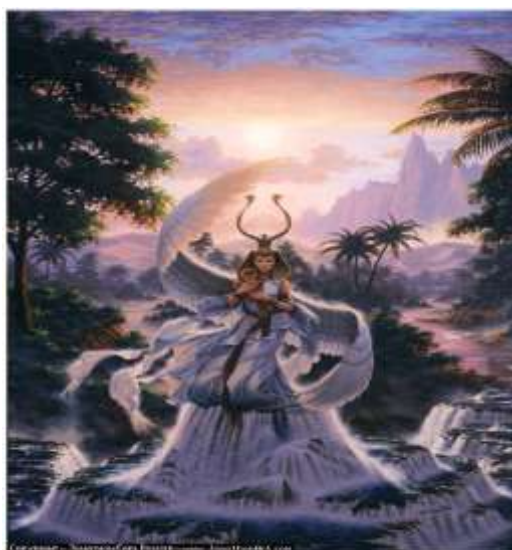


imagem 06: A Grande Mãe

Sendo esta a segunda fase, onde a criança passa a reconhecer o TU – representado pela figura materna, que para ela é fonte de prazer. Apresenta dificuldades em aceitar interdições e seu comportamento visa o atendimento de suas necessidades básicas.

Enquanto imagem arquetípica, a Grande Mãe traz em si a bipolaridade. Tem tanto o poder de aquecer, sustentar, aconchegar, nutrir e proteger; como o de abandonar, possuir, devorar. Aqui se inicia o desenvolvimento da relação Ego-Self e seus distúrbios. A mãe, ou sua substituta traz para a criança a possibilidade de transformar quando ao cuidar dela faz magicamente o frio virar aquecimento, o desconforto, conforto, a dor, prazer e a fome,

saciedade. A criança estará assim, susceptível à dor e ao desconforto – primeiros organizadores da consciência – necessitando que alguém outro lhe dê o que ela necessita para sua sobrevivência. O mundo nesse momento é vivido a partir de opostos que se complementam, pois a realidade externa se apresenta de forma binária e ela pode sentir ora um estado e ora outro, mas ainda não é capaz de estabelecer uma diferença entre eles. A disponibilidade ou não disponibilidade da figura materna para relacionar-se com a unidade biopsíquica do filho é imprescindível para a formação inicial da criança, porque a formação do Ego está diretamente conectada à experiência corporal, sendo o Self, nesta fase, totalmente corpóreo. Aos poucos a criança vai criando a percepção de um envelope corporal, uma separação entre dentro e fora, eu e não-eu, vivendo através de seu corpo os limites de sua personalidade. Ocorre, então, um distanciamento progressivo entre a Consciência e o Inconsciente, a criança entra na Fase Patriarcal. Um desequilíbrio radical na relação primal pode conduzir à disfunção e à doença mental (Diniz, in Revista Imagens da Transformação nº. 11, Vol. 10, 2004).

3.1.4. Dinâmica Patriarcal



Imagem 07: Zeus, O Grande Pai.

Na Dinâmica Patriarcal a criança começa a aprender a lidar com as normas, as regras, as leis, os deveres, as interdições; torna-se capaz de integrar sensações e observações passadas e presentes, adquirindo a capacidade de recordar-se e ligar-se ao meio em que vive. Adquire a noção de continuidade e passa a ter a memória de sua própria história, tendo noções de ontem,

hoje e amanhã. Começa a fazer operações abstratas simples e conquista estágios iniciais de autonomia e independência. (Diniz, in Revista Imagens da Transformação nº. 11, Vol. 10, 2004).

A imagem arquetípica do Pai dá à criança um lado ativo, prático e protetor; aquele que estabelece metas e faz planos para o futuro. Promove o lado funcional no plano material da realidade, no mundo real. A vida passa a ser regida pela ética, pelas normas, pelos valores, pelas tradições, pela moral, pelos deveres, pela temporalidade. A criança começa ser inserida no universo cultural e social que lhe exigem uma série de atitudes e comportamentos, condizentes com o meio externo. O período do Patriarcado constitui grande parte da infância. É nele que a criança prepara-se para o ingresso na escolaridade formal propriamente, entrando no mundo dos matemáticos e da resolução de problemas. (ibidem, 2004).

3.1.5. Dinâmica do Herói e a Busca da Alteridade.



Imagem 08: eu tenho meu estilo

No final da fase patriarcal, ocorre a saída da infância para a adolescência, caracterizada por mudança de interesses e alterações físicas e emocionais. Simbolicamente, esse momento marca o início pela busca da Alteridade - caracterizada pela necessidade de reconhecer a si e ao outro, determinando as necessidades, os limites e as possibilidades de troca. (ibidem, 2004)

A criança, agora pré-adolescente, constela a Dinâmica do Herói, que constitui uma tentativa do Inconsciente em criar um modelo de Complexo do Ego ideal, que permanece em harmonia com as exigências da Psique. Caminha rumo à Alteridade, começando a tornar-se capaz de suportar a tensão de opostos, e considerar o lugar do outro, o que a levará à

construção de sua individualidade e ao relacionamento com um outro, outro, diferente dos modelos parentais.

O desenvolvimento infantil centra-se nestas três primeiras fases: Oubórica, Dinâmica Matriarcal e Dinâmica Patriarcal. Nelas o estado de dependência é nítido, tanto no que se refere à necessidade de proteção e cuidados, como à necessidade de ser orientado e conduzido no mundo. Vale ressaltar que essas fases são acumulativas, estando o sujeito predisposto a contatar-se com sentimentos e sensações de cada uma delas em processos regressivos que levam a conexão com conteúdos primitivos que podem ser elaborados a partir de uma nova progressão energética. Diniz, citando Newman, explica que o regente do desenvolvimento do sujeito nas diferentes etapas da vida, é o Self – Centro da Psique. Newman chama de centroversão o movimento da psiquê rumo à totalidade, através dos movimentos de diferenciação e de integração. Em cada integração de um novo conteúdo, o Ego se diferencia do Self, tornando-se mais amplo, trazendo para a consciência um pouco da totalidade. (Diniz, in Revista Imagens da Transformação n°. 11, Vol. 10, 2004).

3.2. O Estágio Arteterapêutico X O Programa Para Jovens e Adultos Especias

Uma pessoa que desenvolva caminhos próprios de expressão, a partir do conhecimento de materiais, técnicas, conceitos nas diversas produções artísticas, é capaz de participar de modo mais efetivo do seu contexto sociocultural, contribuindo produtivamente e transformando o seu desenvolvimento em processo contínuo de aprendizagens e de reconstrução de seus modos de expressão. E isso é exercer cidadania, por que é aí afirmada sua marca pessoal, de indivíduo presente na contextualização da sociedade em que vive.

MARTINS

A proposta apresentada para a Escola Especial consistia em organização de estágio, em Arteterapia, oferecendo a prática do Processo Arteterapêutico para um grupo de no mínimo três e no máximo seis alunos. O objetivo específico deste estágio era promover, através deste processo, o desenvolvimento dos canais de comunicação e expressão dos participantes; sua concentração; motivação e percepção; liberando emoções e imagens perturbadoras; canalizando a agressividade; promovendo a integração sensorial; e ampla estimulação do processo criativo; flexibilizando o comportamento através do trabalho com situações novas; incentivando a autonomia, a socialização e o prazer de produzir.

A contraproposta apresentada pela Escola Especial para realização do estágio tornou-se um grande e desafiador trabalho. O grupo oferecido foi de 16 jovens e adultos com idades de 15 a 40 anos, com necessidades especiais diferenciadas, inseridos num programa especial da escola, criado para atender os jovens portadores de necessidades especiais que não frequentam a escola especial por estarem acima da idade de 15(quinze) anos, ou que estão inserido na rede municipal de ensino, mas apresentam déficit de aprendizado por problemas cognitivos ou emocionais.

Os objetivos da instituição com o programa para jovens e adultos eram:

Geral= promover nos jovens habilidades que abram caminho para transformação de sua própria vida, conscientes de seus deveres e direitos para tornarem-se cidadãos de fato. Oferecer um espaço onde pudessem expressar seus desejos e opiniões, sabendo que seriam ouvidos e respeitados num ambiente seguro.

Específico = orientar aos jovens direitos e deveres em oficinas sobre cidadania e profissões; favorecendo a expressão artística e criativa dos participantes nas oficinas de arte; estimulando atividades esportivas com Educação Física e Promovendo para os deficientes e suas famílias conhecimentos de trabalho realizados em artesanato, como maneira de tornar a atividade fonte de renda para a família.

A Arteterapia seria uma das atividades oferecidas dentro deste programa para atender pessoas jovens e adultas portadoras de necessidades especiais. A estrutura oferecida para a Arteterapia foi um espaço adequado, material plástico e dois ajudantes; sendo uma professora experiente e um rapaz com experiência em dar apoio aos fisioterapeutas da instituição. Com esse apoio achei possível aceitar o desafio. O estágio foi oficializado tendo sido acordado com a instituição o objetivo de verificar os benefícios da aplicação do Processo Arteterapêutico para pessoas com necessidades especiais sem vinculação ao projeto de produção de artesanato nem com expectativas de se obter produtos de arte para serem vendidos.

3.3. O Grupo de Jovens e Adultos Especiais

O estágio foi então realizado com grupo heterogêneo quanto à características de idade, gênero, limitações físicas, limitações cognitivas e diagnósticos; composto por seis moças e dez rapazes. O ponto comum do grupo era o fato de serem pessoas inseridas em famílias de

baixa renda (2) e viverem isolados dentro dos limites de uma família, ou da igreja e das atividades de tratamento médico.

No primeiro encontro percebi jovens interessados, mas sem iniciativa, apáticos, alguns com aparente sedação por medicamentos, outros confusos e desconfiados. Uma atitude comum era o comportamento de obediência. Pareciam sem desejos específicos, esperavam que lhes fosse dado algo. As solicitações precisavam ser individualizadas e acatavam com certa timidez e retraimento. Não havia um relacionamento entre eles. Pareciam solitários, carentes de um sentido de existência.

3.4. Espaço e Cronograma

O que caracteriza um ser humano? O que diferencia o homem de um animal?

Essas questões estiveram em meu pensamento como um mantra, e revelar a humanidade das pessoas do grupo “Juventude Especial” foi o meu objetivo durante o percurso do estágio. Entendi a necessidade de construir uma nova história ou reconstruir a história de cada participante. O estágio seria para mim um grande desafio.

Isso é uma necessidade absoluta para qualquer um. Você precisa de um grupo, uma determinada hora ou certo dia em que não leu as notícias de manhã, não sabe quem são seus amigos, não sabe o que deve a quem quer que seja, nem o que lhe devem. É um lugar onde você simplesmente vivencia e traz à tona o que você é e o que pode ser. É o lugar da criação incubativa. No início, você pode achar que nada acontece, mas, se você tem um lugar sagrado e se serve dele, alguma coisa eventualmente acontece. (CAMPBELL apud PHILIPPINI, 1999).

Em Philippini (1999), conheci o significado de “Território Sagrado” em Arteterapia e percebi que a primeira providência a fazer seria tornar nossos encontros um “Território Sagrado”. A autora lembra que todas as culturas têm seus territórios sagrados, um espaço de proteção, calma e serenidade em que os indivíduos podem realizar seus ritos de conexão com aquele que concebem como divindade. Locais para renovar as forças, espaço de reverenciar ancestrais, pedir proteção, inspiração e harmonia. São espaços onde reúnem-se símbolos que facilitam um processo de resgate de um chão original, *uma verdadeira casa* no sentido psíquico.

2. A camada da sociedade onde as pessoas possuem um baixo poder aquisitivo e uma baixa qualidade de vida. Suas necessidades básicas, como moradia, saúde e alimentação são supridas com muita dificuldade, e muitas vezes são impossibilitados de ter lazer e entretenimento.” <http://www.infoescola.com/sociologia/classes-sociais/> 26 NOVEMBRO 2009).

Com esta idéia de “Território Sagrado” negocie com a instituição, onde o estágio foi oferecido, os detalhes para criação do espaço atendendo a necessidade de construção do *setting* da Arteterapia que, segundo a autora, deve recriar, nos tempos atuais, o território sagrado. Este espaço funciona como local de criação, de resgatar e expandir potencialidades adormecidas, de desvelar sentimentos, de compreender conteúdos inconscientes.

3.5. O Grupo e a necessária identidade

O Estágio em Arteterapia, devido a sua carga horária segue uma abordagem de terapia breve, subdividido em três etapas de conduta focal: Diagnose (módulo I); Definição de Hipótese diagnóstica referente à tônica do funcionamento psicodinâmico mais significativo do grupo (módulo II) e Processos auto gestivos (módulo III). Cada etapa do processo arteterapêutico se realizou através de 10 (dez) sessões com três horas de duração cada. A prática do processo arteterapêutico foi iniciado em 05 de março de 2009, e no decorrer deste capítulo serão apresentados alguns aspectos do desenvolvimento deste trabalho que foi finalizado em 15 de outubro de 2009. Em maio, após uma convivência de 10 (dez) encontros, finalizando a “etapa diagnóstica” identificou-se uma tônica comum ao grupo: identidade, melhor dizendo: falta de identidade. A hipótese diagnóstica levantada foi a necessidade do desenvolvimento da autonomia. A autonomia aqui conceituada como despertar e facilitar o desenvolvimento do indivíduo nos seguintes aspectos de sua vida: expressiva, criativa, existencial e afetiva; profissional; locomoção e deslocamento; social; inclusão na comunidade; auto-estima (talentos e limitações) e reconhecimento da auto-imagem.

3.6. E o que é mesmo autonomia?

É preciso aprofundar um pouco mais sobre as várias formas de definir autonomia, pois afinal estou falando da autonomia de pessoas com limitações importantes em suas possibilidades de existência.



Imagem 09 – desenhando com os pés

A palavra autonomia vem do grego e significa autogoverno, governar-se a si próprio. O conceito de autonomia também inspira-se nas ciências jurídicas: o conceito diz que é autônoma a pessoa maior de idade capaz de decidir livremente sobre questões de sua vida ou dos seus dependentes e, conseqüentemente, suportar as decorrências de suas decisões. Filosoficamente, o conceito de autonomia confunde-se com o de liberdade, consistindo na qualidade de um indivíduo tomar suas próprias decisões, com base em sua razão individual.

Em trabalho intitulado “Princípio do Respeito à Pessoa ou da Autonomia”, Goldim (2004), apresenta estudos de conceitos sobre Autonomia. Segundo este autor “o princípio da autonomia não pode mais ser entendido apenas como sendo a autodeterminação de um indivíduo, esta é apenas uma de suas várias possíveis leituras” (3). Goldim apresenta conceitos sobre autonomia com base no “Relatório Belmont, que estabeleceu às bases para a adequação ética da pesquisa nos Estados Unidos, o qual denominava este princípio como “Princípio do Respeito às Pessoas” (4). Interessa à minha pesquisa destacar os seguintes conceitos:

A autonomia incorpora, pelo menos, duas convicções éticas: a primeira que os indivíduos devem ser tratados como agentes autônomos, e a segunda, que as pessoas com autonomia diminuída devem ser protegidas. Desta forma, divide-se em duas exigências morais separadas: a exigência do reconhecimento da autonomia e a exigência de proteger aqueles com autonomia reduzida.

3. GOLDIM, José Roberto, 2004 citado em <http://www.ufrgs.br/bioetica/autonomi.htm> em 29 de nov de 2009.

4. GOLDIM, José Roberto, 2004 citado em <http://www.ufrgs.br/bioetica/autonomi.htm> em 29 de nov de 2009.

Uma pessoa autônoma é um indivíduo capaz de deliberar sobre seus objetivos pessoais e de agir na direção desta deliberação. Respeitar a autonomia é valorizar a consideração sobre as opiniões e escolhas, evitando, da mesma forma, a obstrução de suas ações, a menos que elas sejam claramente prejudiciais para outras pessoas. Demonstrar falta de respeito para com um agente autônomo é desconsiderar seus julgamentos, negar ao indivíduo a liberdade de agir com base em seus julgamentos, ou omitir informações necessárias para que possa ser feito um julgamento, quando não há razões convincentes para fazer isto.

Nem todas as pessoas tem a capacidade de se autodeterminar. Esta capacidade matura durante a vida do indivíduo, e algumas pessoas perdem esta capacidade total ou parcialmente devido a doenças, distúrbios mentais ou circunstâncias que severamente restrinjam a liberdade. O respeito para com o imaturo e para com o incapaz pode requerer sua proteção na medida em que amadurecem ou enquanto estiverem incapazes. (5)

Goldim cita Beauchamp e Childress (1994), destacando a relevância do conceito destes autores. Segundo estes autores: "autonomia tem diferentes significados, tão diversos como autodeterminação, direito de liberdade, privacidade, escolha individual, livre vontade, comportamento gerado pelo próprio indivíduo e ser propriamente uma pessoa"(**). Goldim afirma que o conceito de Autonomia adquire especificidade no contexto de cada teoria. Mas, o autor percebeu em sua pesquisa que, virtualmente, todas as teorias concordam que duas condições são essenciais à autonomia:

Liberdade (independência do controle de influências) e

Ação (capacidade de ação intencional).

Falar do grupo sem considerar cada indivíduo seria cometer o equívoco da generalização. E como dissemos antes, estamos falando de um grupo bem diversificado. Cada indivíduo com seu nome próprio, com seu jeito de ser. Falarei dos participantes a partir da fenomenologia que pude acompanhar no processo arteterapêutico do grupo.

Na fase diagnóstica verificou-se uma fala em cerca de 50% do grupo que se referia a estar ali para aprender um trabalho. Essa idéia de trabalho foi identificada como a atividade que poderia ser remunerada e conseqüente conquista de autonomia. Numa reunião com famílias do grupo, verificou-se as idealizações e desejos sobre autonomia que os responsáveis apresentavam para esses jovens. Para eles, desenvolver autonomia dos jovens seria proporcionar-lhes capacitação para o trabalho e para que tivessem o próprio sustento.

Porém, o grupo demonstrava desconhecimento sobre si; dificuldade para se relacionar e pouca iniciativa para aprender um ofício para sustentar-se financeiramente. Nos trabalhos de colagem de imagens a maioria mostrou interesses por temas de necessidades bem básicas como exemplo: comida, família, crianças e bebês. Apenas dois adolescentes que eram alunos da escola comum apresentaram temas mais esperados para sua cronologia como exemplo: carros, moto, instrumentos musicais, paisagens, profissões etc.

Numa conversa com o grupo objetivando uma apresentação com mais informação sobre cada participante e verificação do potencial de comunicação verbal, os participantes foram estimulados a apresentarem-se individualmente falando sobre: idade, dia do aniversário, com quem moravam, cor preferida e coisas que gostavam de fazer. Essa atividade foi surpreendente e estimulante. Houve interesse dos participantes para falar de si e para ouvirem a história dos outros. Porém, não sabiam falar de si, nem dizer do que gostavam de fazer. A maioria não sabia o dia do aniversário e confundiam-se na própria idade. Uns três fizeram desabafo sobre presenciar a morte de pai, mãe e avó. A maioria conseguiu dizer com quem mora. Aqui apareceram características comuns ao grupo: não ser criado por mãe e pai original; ter um ou os dois genitores mortos; ter pais separados; ter padrasto ou madrasta; ser filho adotivo de mãe solteira (ausência de pai); ser cuidado por um tutor com grau de parentesco tia, avó ou irmã. Uma queixa comum sobre agressão física ou verbal em casa surgiu entre aqueles que eram cuidados por tias.

3.7. Perfil inicial do grupo.

...entramos nos domínios da realidade atômica, onde cada ser nem só existe separadamente como em blocos indiferenciados de matéria.

(Eugênio Gomes, *Espelho contra Espelho*, p. 249. apud Dicionário Aurélio, 2004.)

No grupo de dezesseis participantes, com idades cronológicas de 15 a 40 anos, identifiquei pessoas em diferentes fases da evolução da consciência segundo o modelo teórico junguiano (Ourobórico, Matriarcal e Patriarcal). Analisando, de forma geral, o comportamento do grupo, ficou evidente os indicadores referentes à fase Matriarcal. Um grupo totalmente susceptível à dor e desconforto, necessitando que alguém outro, lhes dê o que necessitam para a própria sobrevivência.



Imagem 10 – Quero comida, amor e família.

Dezesseis jovens e adultos; idades de 15 a 40 anos; com 6 (seis) moças e 10 (dez) rapazes. Sendo que a metade dos participantes apresentava diagnóstico clínico de retardo mental e ou deficiência cognitiva; quatro participantes com seqüelas de paralisia cerebral; Três participantes com Síndrome de Dawn e um participante com diagnóstico clínico de Autismo.

Metade do grupo estava sem frequentar escola nem outra atividade regular há no mínimo um ano.

Comunicação verbal era de pouco vocabulário; com pouco conteúdo; pouca fala; pois falam sem coerência; falavam sozinhos; falavam muito e alto, de forma desordenada sem perceber o interlocutor. Nas interações havia ausências de diálogos, todos pareciam ouvintes ou falavam sem direcionamento. Respostas monossilábicas nem sempre coerentes com a pergunta. Repetiam a pergunta e não davam resposta (Ecolalia).

A participação do grupo nas atividades era de nenhuma ou pouca iniciativa. Esperavam que tudo lhes fosse dado e que fosse dito o que deveriam fazer, havendo entre a maioria dos participantes a necessidade de ajuda física, ainda que não houvessem limitações físicas. Não havia iniciativa para pegar os materiais ou mesmo se relacionarem com os outros participantes do grupo. Tudo precisava ser direcionado individualmente. Durante a realização dos trabalhos demonstravam pouca expressão criativa, lentidão, aparente tristeza ou apatia. Alguns participantes estavam medicados e apresentavam muita sonolência. Na maioria dos casos a medicação era justificada pela queixa de agressividade em casa ou por um quadro de depressão.

Apresentavam também pouca percepção sensorial; dificuldade para se organizarem em roda; dificuldade para bater palmas sincronizadas em grupo. Não conseguiam encher bolas. Não conseguiam representar o próprio corpo nas modalidades de desenho, pintura e modelagem. Evidenciavam dificuldades para perceber a saciedade do corpo durante a refeição (comiam enquanto havia comida na mesa). Nas atividades físicas (alongamento, dança etc) apesar de serem um dos melhores estímulos para animar o grupo, havia uma dificuldade para controlar o próprio corpo, mesmo naqueles que não apresentavam problemas físicos. A música e dança livre gerava muita animação e integração do grupo, se os ritmos fossem conhecidos, como exemplo: o funk principalmente, o pagode e o samba.

Quanto ao uso dos materiais e expressão de conteúdo não conheciam ou nunca usaram a maioria dos materiais (plastilina, argila, sucatas, fios e tecido); mas todos conheciam o lápis de cor, tinta guache e hidrocor, assim desenhar e pintar eram as atividades expressivas mais facilitadoras para o grupo. Trabalhar com imagens era a segunda forma mais facilitadora de expressão de conteúdo no grupo.

- A maioria dos participantes apresentava pouca ou nenhuma habilidade manual; quatro participantes não sabiam nomear cores e formas.
- Na apresentação de conteúdo percebia-se repetição de mesma imagem, forma, tema ou cor, entre todos os participantes. Mesmo os participantes com mais capacidade cognitiva, física e criativa repetiam imagens e temas em seus trabalhos.

- Produziam imagens e traços com característica infantil. Alguns ainda na fase de garatujas.
- Apenas três participantes apresentavam capacidade para escrita e leitura.
- De um modo geral o grupo apresentava comportamento dócil, obediente como “soldadinhos esperando o comando”. Uma jovem se destacava por seu comportamento arredio e uma fala defensiva e agressiva, dizia sempre não, mas mesmo assim era passível de ser convencida.

3.8. Vestindo a fantasia

O desbloqueio do processo criativo e a ativação da energia expressiva do grupo eclodiram com força na décima sessão do módulo I, quando um cenário com muitas roupas e acessórios foram disponibilizados no salão onde o rock da Pitty convidava a tirar a máscara e mostrar o rosto do jeito que se é. Todos os participantes estiveram motivados, experimentando roupas e acessórios e criando personagens. O convite da arteterapeuta era: ”vista-se como quiser e seja o que imaginar!”

Essa atividade foi gratificante para todos em diversão e liberdade para expressar. Um grupo de quatro participantes se reuniu e iniciou uma encenação improvisada, onde a fala de um provocava uma resposta no outro que se integrava espontaneamente na cena. Trocaram de roupa e criaram mais de um personagem. A arteterapeuta entrevistava os personagens criados e ouvia suas histórias. Essa vivência pareceu ser libertadora para o grupo e acordá-los para a jornada que se seguiria no processo criativo.



Imagem 11 – Mostre a fantasia.

Diga! Quem você é? Me diga! Tira! A máscara que cobre o seu rosto se mostre e eu descubro se eu gosto do seu verdadeiro jeito de ser.

(Letra da música: Máscara, Pitty, 2003).

3.9. Estímulos Geradores de Autopercepção e de Comunicação

A segunda fase do processo ou Módulo II, que também foi realizado através de 10(dez) sessões de 3(três) horas cada, serviu para a verificação da hipótese diagnóstica referente à tônica de funcionamento psicodinâmico do grupo levantada no Módulo I.

Os estímulos geradores no processo arteterapêutico são estratégias que ativam contextos simbólicos específicos, e são utilizados após levantamento de uma hipótese diagnóstica que deve ser validada ou não... Quando os estímulos geradores são adequados, tornam explícitos os conteúdos que se supõem latentes, permitindo que sejam trabalhados, compreendidos e elaborados. Quando há uma determinada questão psicodinâmica a eclodir, mas em realidade há outro contexto simbólico a ser trabalhado o estímulo não funcionará e, o grupo ou indivíduo não apresentará reações significativas, havendo então a necessidade de estabelecer outro caminho focal. Segundo Philippini, alguns exemplos de estímulos geradores são: contos de fada, contos de ensinamento, fábulas, mitos, poesia, letras de música, artigos de jornais e revistas, vídeos, filmes, documentários e imagens. Quando o estímulo é adequado surgem no grupo reações fortes, comentários, associações, relatos de memórias, etc. Os conteúdos expressos devem ser trabalhados a partir da utilização de materiais expressivos e modalidades plásticas, preferencialmente aquelas que se mostram mais produtivas no período diagnóstico. Essa estratégia facilita a validação da hipótese diagnóstica, a apresentação de conteúdos latentes e a elaboração dos mesmos. (Philippini, 2009).

3.10. Razão e Sensibilidade, útil e inútil?

Apesar de ter sido com alguns filósofos que a sensibilidade passou ao segundo plano, pois destacavam a razão como principal forma de compreender o mundo, ainda podemos contar com idéias como de Rousseau (séc. XVIII) que refletia sobre a necessidade de formar o homem sensível para que pudesse ser racional.

Atualmente, ano de 2009, já podemos ler artigos que trazem propostas de estudar o mundo através da arte, da ciência e da filosofia (aproximando-se da estética). Segundo Fróes, no artigo intitulado “Uma Ciência Sensível” (revista *Mente Cérebro*, Agosto 09), a arte tende ao caráter particular, imprevisível, único, uma vez que é subjetiva e avessa a regras. A ciência é uniformizadora, previsível, busca normas gerais. Os valores que a ciência e arte dão a qualidades da lógica, como estética e ligação entre forma e função, são necessariamente diferentes. “O cientista tenderá à análise de congruências num mosaico geométrico e ficara incomodado com incongruências fortuitas. O artista trabalhará a congruência do todo mosaico, recorrendo à razão estética pessoal, interna” (5).

Meira afirma que a estética surgiu principalmente pela necessidade de compreender o sentido das interações, do que transita e vibra, anima e é animado por tal relação. “A Estética não nasceu para explicar a arte, mas a atuação que se faz num percurso de procedimentos, para ver como os elementos constituintes de atuação, afetam-se uns aos outros, repelem-se, misturam-se, entram em conjunção, apesar de suas diferenças” (Meira, 2007, ps. 23 a 27).

Trazendo os conceitos de Fróes e Meira para a pesquisa do processo criativo aplicado ao grupo de pessoas com necessidades especiais, percebe-se um diálogo necessário, onde os encontros das diferenças humanas e de cada subjetividade serão expressos em vivências estéticas sensíveis através do fazer arte. A arte proposta para ouvir o silêncio de acordo com o que diz Maturana (2001): “conversar num outro plano de compreensão”. Que significa conversar sabendo que se está atuando também na base da emoção, reconhecendo que as emoções fundam o social e mobilizam os saberes do senso comum.

Alves, em seu livro “*Educação dos Sentidos e mais...*”, numa reflexão sobre educação e inspirado pelos conceitos *uti* e *frui*, de Santo Agostinho, cria a imagem do corpo que carrega duas caixas; na mão direita, mão da destreza e do trabalho, leva uma caixa de ferramentas. E na mão esquerda, mão do coração, uma caixa de brinquedos. Através desta imagem, Alves discorre afirmando que todas as coisas que existem se dividem em duas ordens distintas: a ordem do que é útil, utilizável, utensílio – aquilo que é usado para se obter uma outra coisa; e a ordem do amor, que ao contrário, trata-se das coisas que não são utilizadas, que não são ferramentas, que não servem para nada. “Elas não são úteis, são inúteis. Porque não são para serem usadas, mas para serem gozadas.” (Alves, 2005, p.14).

Interpretando Santo Agostinho, Alves explica que:

as coisas da caixa de ferramentas, do poder, são meios de vida necessários para a sobrevivência (Saúde é uma das coisas que moram na caixa de ferramentas). Saúde é poder. Mas há muitas pessoas que gozam de perfeita saúde física e, a despeito disso, se matam de tédio. As ferramentas não nos dão razões para viver. Elas só servem como chaves para abrir a caixa de brinquedos. (ALVES, 2005, p.15).

Sobre a caixa de brinquedo o autor diz:

Armar quebra-cabeças, empinar pipa, rodar pião, jogar xadrez, bilboquê, jogar sinuca, dançar, ler um conto, ver caleidoscópio, não levam a nada. Não existem para levar a coisa alguma. Quem está brincando já chegou. (ALVES, 2005, p. 15).

Em resumo desta filosofia sobre educação o autor faz um questionamento:

Resta perguntar: os saberes que ensinam em nossas escolas são ferramentas? Tornam os alunos mais competentes para executar as tarefas práticas do cotidiano? E eles, alunos, aprendem a ver os objetos do mundo como se fossem brinquedos? Têm mais alegria? Infelizmente não há avaliações de múltipla escolha para se medir alegria... Eu disse *caixa de ferramentas* e *caixa de brinquedos*. Santo Agostinho disse *ordem de utilidade* e *ordem de fruição*. Freud disse *princípio da realidade* e *princípio de prazer*. Martin Buber disse *o mundo do isso* e *o mundo do tu*. É tudo a mesma coisa. (ALVES, 2005, p. 16).

As estratégias Arteterapêuticas para a educação dos sentidos podem ser ferramentas a serem utilizadas possibilitando a abertura da caixa de brinquedos nos corpos de pessoas portadoras de necessidades especiais, promovendo a arte de ver, a arte de ouvir, a arte de tocar e a arte de brincar. Ainda em Alves (2005), a capacidade de brincar também precisa ser aprendida. “E ela tem a ver com a capacidade de o corpo ser erotizado pelas coisas à sua volta, de sentir prazer nelas. Nossos sentidos (visão, audição, olfato, tato, gosto) são todos órgãos de fazer amor com o mundo, de ter prazer nele” (p. 20). O autor afirma que se o sonho não existe, é inútil dar ordens à inteligência. Ela não obedece. A necessidade do desejo é essencial para provocar a inteligência a fazer coisas ditas impossíveis. Assim, os estímulos geradores precisavam abrir as *caixas de brinquedos de cada participante do grupo*, acessando seus desejos, seus sonhos e o prazer de viver.

3.11. Na Arte do Conto

“Quem conta um conto aumenta um ponto”.

Dito popular

Para verificar a hipótese: necessidade de desenvolver autonomia, identidade, autoconhecimento e comunicação, utilizou-se o conto “A formiga e a cigarra” na primeira sessão do módulo II. Objetivou-se abordar o tema **trabalho** e verificar o que pensam a respeito. Foi unânime a opinião sobre a formiga dar comida e abrigo para a cigarra, pois cantar era uma coisa boa. O tema foi desdobrado através de desenho e surgiram muitas histórias: de amor, de solidão, de desejo de diversão, de carência afetiva e de vontade de conhecer mais sobre a vida, mas nenhuma história falando de profissão ou desejo de ganhar dinheiro. Cada um apresentava sua história e recebia palmas do grupo. O tema continuou gerando mais expressões e foi desdobrando-se com o uso de técnicas mistas (colagem, pintura e desenho) para expressarem coisas que sabem fazer e as coisas que desejam fazer. A partir dessas atividades observou-se uma mudança significativa no comportamento dos participantes. Pareciam mais alertas; menos inseguros e se disponibilizavam mais para falar

sobre seus trabalhos (faziam questão), queriam experimentar tudo e começaram a fazer perguntas sobre uma palavra que não entendiam, sobre o nome de determinada cor e com mais iniciativa realizaram os trabalhos. O conto “**O Equilibrista**” foi apresentado para falar sobre as diferenças e o desdobramento propiciou para o grupo representar os desejos que podem ser realizados considerando seus recursos físicos, emocionais e materiais. O material utilizado foi fios e cola colorida em cartolina. Apesar de ter sido uma atividade de difícil execução, todos estiveram motivados, e mesmo que as imagens não fossem claras, durante a apresentação dos trabalhos explicaram o que desejaram representar: nadar; dirigir carro, escrever, brincar na rua, cantar, namorar etc. Nesta sessão verificou-se uma abertura para tratar as diferenças de gostos e desejos e também para as diferenças físicas.



Imagens 12 e 13: Alegre como a cigarra e viajante como o Equilibrista.

3.12. Espelho, espelho meu mostre quem sou eu.

Ao perceber as coisas, o corpo nelas se envolve, deixando-se igualmente envolver por elas. Nessa experiência, o corpo se percebe, ao mesmo tempo, como vidente e sensível – sentindo conhece, conhecendo sente. O corpo inteiro é um lugar de conhecimento.

Maria Cristina Peixoto



Imagem 14: O Espelho

Até aqui em todos os trabalhos as figuras que deveriam ter a imagem de um corpo eram representadas, pela maioria dos participantes, com um círculo de onde saíam linhas que representava os braços e pernas. Alguns se representavam como um quadrado. Olhar-se no espelho promoveu a ativação e mudança da auto percepção física. Esta atividade foi densa, delicada e séria. Ao som do rock “Máscara” da Pitty um participante era convidado e acompanhado pela arteterapeuta a se olhar e se tocar diante de um espelho de corpo inteiro, enquanto o resto do grupo observava, e em seguida este participante era orientado a modelar seu corpo com plastilina colorida. Através da modelagem com plastilina observou-se uma nova representação da auto-imagem por cada um. A atividade promoveu uma estimulação da percepção e representação do corpo.



Imagem 15 – o corpo se percebe

Ainda desdobrando o estímulo do espelho e o tema identidade e expressão das subjetividades através da construção da autoimagem, utilizou-se um experimento onde os participantes tinham os corpos desenhados em tamanho natural sobre papel pardo. Com a forma do corpo no papel os participantes decoraram (vestiram, desenharam rosto) utilizando tinta, hidrocor, papeis coloridos, imagens de acessórios etc. Dessa atividade surgiram declarações como: “Nossa! Eu sou do tamanho de um homem”; “Eu sou magrinha!”; “Eu sou gordo!”; “Eu não sabia que eu era tão grandão!”; “Meu corpo é bonito!”; “Até que sou bonitinha!”. Surpreendente foi o comentário de uma mãe ao ver o trabalho pendurado na parede: “Caramba! Como meu filho é grande!”. Era a sessão 18 e após esta atividade houve uma mudança de comportamento de alguns rapazes, que se tornaram menos infantis nas atitudes e se posicionaram mais de acordo com suas descobertas físicas: não ser mais um menino, pois se conectaram com seus corpos de jovens adultos.



Imagem 16 – O corpo inteiro



Imagem 17 - Formas e Estilos aparecem

3.13. A Interlocução Através do Teatro e Fotografia

Buber, em suas publicações filosóficas, deu ênfase a sua opinião de que não há existência sem comunicação e diálogo e que objetos não existem sem a interação. As palavras-princípio, Eu-Tu (relação), Eu-Isso (experiência), demonstram as duas dimensões da filosofia do diálogo que, segundo Buber, abarcam a existência.

t.wikipedia.org/wiki/Martin_Buber



Imagem 18 - Eu vejo você

Na vigésima e última sessão do Módulo II, o conto da “**Galinha Ruiva**” foi amplificado através de uma dramatização. Subdividido o grupo em duas equipes. Uma equipe apresentava-se e outra era platéia, depois revezavam-se. Foi percebido em cada um o quanto era excitante para eles a atividade de representar. Tímidos, inseguros, com vozes muito baixas repetiram as falas, seguindo a dinâmica do diálogo, demonstrando motivação e empenho para fazer o trabalho. Foi uma atividade que despertou um comportamento mais concentrado e mais atento com relação ao outro no grupo. Felizes após a apresentação comemoraram abraçando-se como um time que conquista um bom resultado, dizendo parabéns e expressando sorrisos de satisfação.

Em seguida, na mesma sessão, foi promovida uma atividade com fotografias. Cada participante foi orientado a colocar a própria foto num cartaz, posicionando-se bem próximos da pessoa a quem percebiam mais afinidade no grupo. Expliquei antes o que é afinidade. Essa atividade foi muito positiva para verificar interações e afetos. Uma participante posicionou-se tendo como referencia ficar longe de outra no grupo e a foto dela ficou num canto da folha. Após todos posicionarem as fotos no cartaz, percebeu-se que ninguém ficou perto da foto dela. A moça pediu para trocar o lugar de sua foto. Colocou a foto próxima a de um rapaz do grupo (e mais tarde tornaram-se namorados...). Chamei a atenção do grupo para esse acontecimento, destacando o fato da colega ter ficado sozinha quando tentou evitar relações. Quando conseguiu ver a pessoa com quem tem afinidade, aproximou-se e criou condição para ficar mais próxima de todas as fotos do grupo. Foi uma experiência de poucas palavras e muito contato, e o Arteterapeuta saiu com a sensação de ter possibilitado ao grupo uma nova forma de comunicação; outro jeito de ver-se; de ver o outro e de manifestar seu afeto. Assim foi realizada a experimentação e conscientização para o prazer de trabalhar em equipe e a abertura para o processo autogestivo.

3.14. Um Novo Perfil do Grupo

Liberdade é em si o seu exercício. Ser livre implica criar poder, é um novo contrato onde os homens não se unem para se despojarem do poder, mas sim para começar a gerá-lo.

Hannah Arendt

Vinte sessões de arteterapia e um grupo mais extrovertido; interagindo com mais intimidade. Ao chegar ficavam conversando no pátio enquanto esperavam o início da sessão. Bem diferente do comportamento das primeiras sessões, quando entravam, sentavam e não faziam contato até a hora de começar a atividade. Também surgiram para a arteterapeuta mais

problemas para manter o silêncio durante a realização dos trabalhos. Ficavam comentando sobre os trabalhos entre si, demonstrando mais intimidade e espontaneidade no ambiente. Apesar da motivação para as conversas, sabiam respeitar a necessidade de silêncio e atenção, principalmente quando um colega no grupo estava apresentando seu trabalho, e todos faziam questão de apresentar-se. Verificou-se aumento das conversas paralelas entre duplas ou grupinhos de três ou quatro participantes, demonstrando um crescimento no modo de comunicação e aumento do vínculo entre eles. Redução das faltas, tendo nas sessões um número regular de 14 (quatorze) participantes, verificando no grupo a expressão de vontade de união, de amizade e do estar com o outro.

Progressos percebidos: estabeleceu-se a confiança no grupo; as afinidades e as divergências entre um e outro colega eram expressas verbalmente; perceberam o poder que ganharam como grupo e respeitavam a opinião da maioria.

Depois do trabalho com espelho os participantes passaram a expressar figuras corporais com mais detalhes (comprovado pela modelagem e pelos desenhos das sessões seguintes). Foi como se tivesse havido permissão para ver e mostrar o corpo. É como se alguém tivesse dito: “Estou vendo que você tem um corpo, pode me mostrar!”. E a partir do olhar do outro puderam ver o próprio corpo e expressá-lo, o que é reafirmado por Hannah Arendt: “*a criação se dá a partir do elogio à diferença*”.

Mais participantes tentavam se expressar através da escrita.



Imagem 19: Somos iguais em nossas diferenças.

3.15. JUVENTUDE EM NOTÍCIA: Construindo uma Identidade

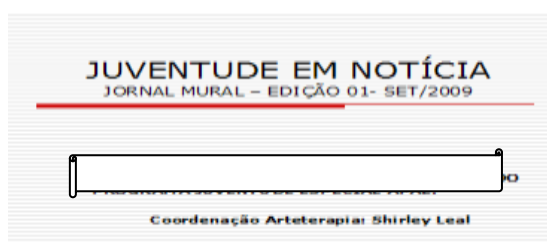


Imagem 20 – Juventude em Notícia

Após muitas vivências para identificar o que o grupo poderia criar, chegou-se a vigésima quarta sessão do módulo III (Processos Autogestivos) com uma necessidade clara: o grupo precisava mostrar-se. Assim as sessões seguiram-se numa jornada de construção dos meios para a expressão da identidade. Agora as conversas tratavam situações reais que vivenciavam em suas rotinas; As perguntas eram dirigidas a um interlocutor e já havia diálogo. Com o grupo mais participativo, mais comunicativo, mais interativo, mais falante, mais animado e mais seguro, iniciou-se a construção de um Jornal Mural onde eles seriam os assuntos da primeira edição. Foram criadas perguntas simples que eles deveriam responder desenhando ou escrevendo: Eu sou uma pessoa...; Gosto de...; Desejo...; Meu sonho é...



Imagem 21- E sou uma pessoa... e gosto de...

Duas moças escreveram suas respostas, os demais desenharam e alguns escreveram no desenho. Só quatro participantes do grupo não precisavam de orientação personalizada. Os demais necessitavam ajuda para conseguirem chegar às respostas. A fase do trabalho mais rica foi a discussão que surgia no grupo, pois antes de escrever e desenhar, diziam a resposta para confirmar se era gosto, desejo ou sonho. Nesse momento a arteterapeuta passava a pergunta para o grupo para ser esclarecida em conjunto. Percebi mais reflexão e interiorização de cada um para dar suas respostas singulares. Foi possível verificar desejos

mais de acordo com suas idades cronológicas e cognitivas, e falaram de si de uma maneira mais consciente.

A pergunta que gerou mais excitação foi sobre desejo. A maioria ficou paralisada, alguns envergonhados. E espontaneamente a arteterapeuta disse que não precisavam ter vergonha de falar dos desejos, se tivessem a ver com namoro ou sexo. Foi uma gargalhada unânime, excitada e liberada acompanhada de “*É isso mesmo! É isso mesmo!*” – E todos desenharam, sem ajuda, seus desejos de relacionamento amoroso. Cada participante levantou-se e apresentou seu perfil para o grupo. Uma participante apresentou-se dizendo que falaria o que pensa “*doa a quem doer*”. O grupo vibrou com a apresentação dela foi como se ela falasse por todos. Foi um momento muito vibrante! No final ouvimos expressões como: “Hoje foi muito legal!”.

Quem sou eu?

Eu sou uma pessoa sincera e falo o que penso doa a quem doer.

Eu gosto de namorar.

Desejo ter liberdade com confiança e desejo fazer sexo.

Meu sonho é ser feliz

Respostas de uma moça, 23 anos, portadora de deficiência física.



Imagem 22- desejos e sonhos

A partir deste material o passo seguinte foi produzir fotos. O tipo de foto proposto pelo arteterapeuta e aceito pelo grupo, foram fotos de rosto, em preto e branco como fotos de

identidade. A produção das fotos foi uma vivência interativa, possibilitando um diálogo com a imagem e com o grupo. A partir da resposta dada para a frase “Eu sou uma pessoa...” um por um foi sendo fotografado, e a foto aparecendo simultaneamente na TV com a interação, sugestão e aprovação do grupo da seguinte maneira:

- Primeiro o participante era lembrado de seus aspectos pessoais relatados na última sessão (boa, alegre, sincera, romântica, legal etc);
- Em seguida era orientado a se expressar olhando na TV para ver se estava de acordo com estas características e se aprovasse era fotografado;
- Com a exibição da foto na TV o grupo era solicitado a opinar sobre se a mesma estava de acordo com as características mencionadas: pessoa boa, alegre, sincera, romântica etc. O grupo respondia sim ou não. Perguntava-se ao grupo se o fotografado precisava de outra foto? O grupo respondia sim ou não. Mas, a palavra final era sempre do fotografado, que só era liberado quando percebia-se sua satisfação ao ver sua imagem. Todos preferiram fotografar o rosto.

Quando foi terminada a sessão de fotos, o grupo foi solicitado a desenhar ou escrever o que estavam sentindo ou pensando naquele momento sobre a experiência vivida. A maioria desenhou expressando satisfação e alegria. Três participantes escreveram opiniões significativas. Uma participante (mulher, 40 anos) teve mais dificuldade para aprovar sua foto devido a sua dificuldade para firmar a cabeça. Em sua escrita disse que no início ficou um pouco sem graça, mas no final achou legal e se sentiu capaz, sentiu-se gente que pode sonhar. Uma outra moça, 23 anos, escreveu um texto onde dizia que foi possível perceber que pode ser alegre e triste. Disse que *não gosta de ser criticada, pois se sente com direito de fazer escolhas mesmo que isso possa lhe custar caro, mas entende que é assim que pode aprender.* Afirmando que *é preciso tentar fazer aquilo que se quer fazer.* Em outro texto a mesma participante escreveu que *cada um é diferente nas escolhas, decisões fazendo aquilo que se sente bem.* Afirmou que *é preciso tentar sem se abater porque somos o que somos e a vida é assim.* Novamente colocou na primeira pessoa dizendo que é uma garota alegre que não gosta de ser contrariada, e que *apesar de tudo é o que é e ninguém faz a personalidade do outro cada um faz e tem a sua própria identidade.*

Com as afirmações escritas e faladas desta moça, (23 anos com deficiência física, que até a sessão 20, estava sempre triste, medicada com fluoxetina e que só queria ficar olhando), verificou-se que as sessões estavam atingindo os objetivos desejados, ou seja, facilitar o

autoconhecimento, a autopercepção, a reflexão sobre quem são e a expressão do que querem e o que podem fazer para ficarem mais satisfeitos.

Esta mesma moça, que estava antes sempre deprimida, foi eleita pelos alunos da Escola para ser a Autodefensora (6) dessa Escola Especial. Participou do Congresso onde seria eleito entre os representantes das Escolas Especiais situadas nas cidades da Região Centro Sul do Rio de Janeiro, um casal representaria essa região em Congressos Nacionais, esta mesma moça foi escolhida como a representante feminina dos autodefensores da Região Centro Sul Fluminense. Neste mesmo congresso a moça conheceu um rapaz da Escola de outra cidade e iniciaram um namoro alimentado por conversas ao celular (que ela teve que comprar) e por computador (que ela está se motivando para aprender a usar e comprar um).

Realizou-se mais uma sessão, onde as fotos impressas foram coladas em envelopes que seriam utilizados para guardar seus outros trabalhos. Na parte externa do envelope além da foto, eles deveriam responder as perguntas: Gosto de comer...; Gosto da cor ...; Gosto de ouvir ...; Gosto de ver ...; Uma coisa legal de fazer é ... , colocar nome e data de aniversário.

Com estas perguntas respondidas completamos o perfil de cada um, e a expressão de uma pessoa diferenciada pode ser vista no jornal mural “Juventude Em Notícia”.

Imagem 23 – O Jornal Mural

Quem sou eu?

Eu sou uma pessoa alegre.
Eu gosto de fotografia e livros.
Desejo uma máquina fotográfica.
Meu sonho é namorar e ler.
Gosto de comer empadão.
Gosto da cor amarela.
Gosto de ouvir música sertaneja.
Gosto de ver o mar.
Uma coisa legal de fazer é dançar.

Rapaz, 19 anos, portador da síndrome de Down.



3.16. Recriando e comunicando com bonecos de pano

Na sessão 28 (vinte e oito), 16 bonecos de pano foram recheados e fechados com tecidos de texturas e cores diversas; os materiais complementares foram: linha; agulha; tesoura; hidrocor de ponta fina; miçanga; fios de lã cores diversas e outros materiais.

6. Autodefensor é o título dado a um aluno das escolas especiais da rede APAE, escolhido por voto secreto pelos alunos, para representar sua cidade nos Congressos de Defesa de Direitos dos Portadores de Necessidades Especiais.

No som, cd's de musicas diversas do gosto do grupo. Os bonecos foram confeccionados e se apresentaram por seus nomes diferentes, falando como queriam contribuir e o que esperavam receber no grupo.



Imagem 24 – Os Bonecos Falantes

Na sessão 30, utilizei os bonecos de pano para promover uma vivência de criação de diálogos entre os personagens (dramatização). Foi proposto que apresentassem um encontro entre os personagens e criassem uma conversa, prestando atenção ao que um e outro perguntavam e respondiam. Chamaremos os personagens que se apresentaram de A, B, C, D, E, F, G, H, I e J.

- Cena 1 - A e B - representaram dois jovens que se encontravam na rua. O diálogo entre perguntas e respostas levou aos personagens marcarem um encontro para ir a um baile funk.
- Cena 2 - C e D - a personagem C convidava D para um passeio na floresta. D fazia muitas perguntas sobre o que fazer na floresta e C ia descrevendo junto com o grupo o que poderia ser encontrado numa floresta.
- Cena 3 - E e F - O boneco de F estava sem roupa, o participante faltou na confecção dos personagens. O personagem E simulava voz infantil. Questionados se os personagens eram criancinhas ou rapazes, responderam rapazes. E mudaram a fala. O assunto sugerido foi o fato do boneco está nu. E fez perguntas e F respondeu explicando o motivo da sua falta (doença na família).
- Cena 4 - G, H, I imaginaram um encontro na rua onde G apresentava a amiga H ao amigo I. Foi um breve diálogo, pois H não fala e I ficou tímido e demorava dar resposta. G ficou falando, perguntando e respondendo tudo ao mesmo tempo.

- Cena 5 - J e K. – K fazia perguntas e J não respondia. J tem uma tendência a ficar tímido quando é solicitado em público.

Ao término das dramatizações, expressaram suas opiniões sobre a vivência: *legal!, Divertido!; Aprendi um pouco sobre o que é dialogar!*

Como se tratava da última sessão, houve o preparo de um lanche especial promovido pela arteterapeuta. O lanche foi planejado para mais um momento de conscientização sobre o encontro; a troca; o diálogo e o dar e receber. Utilizou-se o conto “as duas colheres” e como todos entenderam a mensagem de união, cooperação e trabalho em equipe, pedi que arrumassem a mesa do lanche. Fizeram com entusiasmo. Na hora de servir, foram orientados a preparar o sanduíche, colocar o refrigerante e servir a um colega, aguardar a sua vez de ser servido. Foi uma experiência divertida para a maioria, e tensa para outros (Aqueles acostumados atacarem a comida com medo que não sobrasse para eles tiveram que esperar ser escolhidos por um colega para receber seu lanche, ao mesmo tempo em que viam a comida sendo reduzida). Todos foram servidos. Como ainda sobrava comida, a arteterapeuta sugeriu que eles convidassem as mães e outros profissionais presentes na instituição para se servir do lanche. Ficaram satisfeitos e animados com a novidade. Convidavam com entusiasmo as pessoas, identificavam o que tinha na mesa e falavam: *Pode se servir do que quiser, está gostoso!*

Após o lanche todos agradeceram a arteterapeuta pelo lanche especial elogiando o sabor dos alimentos. O final da última sessão foi bem animada. Um participante levou um CD (Latino) e o grupo dançava animado fazendo expressões corporais para interpretar as letras das músicas.

3.17. Respeitando e harmonizando as diferenças

Faça todo o bem que puder, de todas as maneiras que puder, em todos os lugares que puder.

Shirii Shirii Anandamurti,
Mestre Espiritual Indiano

Houve uma oportunidade para realizar mais algumas sessões com o grupo. A arteterapeuta, orientada por sua supervisora do estágio, criou uma nova fase de trabalho para o grupo: organizando e trabalhando com equipes mais homogêneas. Para ilustrar vou falar apenas da primeira oficina, registrando aqui o leque de possibilidades de trabalho com o processo arteterapêutico num grupo com pessoas portadoras de necessidades específicas. Esta

experiência possibilitou a aplicação de uma atividade grupal atendendo a necessidade de reconhecimento e respeito às diferenças. Fica aqui um exemplo de práticas com a Arteterapia que poderiam ser experimentadas nesta Instituição de Educação para aumentar as oportunidades dos jovens portadores de necessidades especiais para experimentarem-se e expandirem-se como pessoas que são, refletindo uma singularidade não demarcada pela deficiência, mas sim por sua historicidade enquanto sujeito, com vontades, desejos e perspectivas próprias e singulares.

O objetivo da oficina era buscar o desenvolvimento dos jovens, respeitando sua subjetividade e suas necessidades particulares (emocional, física, cognitiva). O grupo foi dividido em três subgrupos, considerando critérios como: afinidades, interesses comuns, comunicação, expressão, capacidade cognitiva, habilidade manual, dificuldade afetiva. Assim, criou-se três equipes que foram estimuladas com a história “Os Três Porquinhos”. Abaixo relato as respectivas atividades que foram distribuídas da seguinte forma pelas equipes:

- **Equipe Experimentando** – cinco jovens apresentando níveis diferentes de retardo mental; com facilidade para expressão corporal e verbal, com muita dificuldade cognitiva e pouca habilidade manual. Para esse grupo foi proposta uma oficina com missangas. Cada um produzia um pedaço do jeito que quisesse, estes pedaços seriam unidos formando um colar representando a união da equipe **Experimentando**.
- **Equipe Palavreando** – quatro jovens apresentando facilidade para escrita, boa compreensão de novos conceitos, facilidade para expressar seus sentimentos e boa expressão com desenho e pintura. Dificuldade para trabalhos manuais devido a dificuldades motoras. Para essa equipe a proposta foi desenhar ou escrever com hidrocor de ponta fina sobre o tema: o que espero receber e o que tenho a oferecer para a equipe **Palavreando**.
- **Equipe Simbolizando** – seis jovens apresentando níveis diferentes de retardo mental, tendo como características comuns: comportamentos obsessivos; dificuldade para demonstrar afeto e falar sobre seus sentimentos; dificuldade para encontrar seu espaço no mundo; facilidade para desenvolver o manuseio de vários materiais em diferentes técnicas (pintura, desenho, colagem, modelagem, costura e construção); facilidade para realizar tarefas que necessitem organização, classificação e padronização. Para este grupo a

proposta foi desenhar (giz de cera, lápis de cor e hidrocor) o que lhes chamou a atenção na história dos três porquinhos.

Foi uma proposta harmonizadora. Cada equipe realizou o trabalho com muita concentração no que estavam fazendo. O clima era de diálogo, mas num estado de harmonia que foi percebida pelos participantes: *Essa atividade está me acalmando!* Dizia uma moça organizando suas missangas. Verifiquei que a comunicação em cada equipe era diferente uma da outra. A Equipe *palavreando*, trocava impressões, falava de seus desejos, sonhos e pareciam comungar de um mesmo ideal. A Equipe **Experimentando** falavam sobre comida, sobre acontecimentos em casa, queixavam-se sobre o tratamento de um colega ou de algum parente; brincavam e implicavam uns com outros e solicitavam a presença da arteterapeuta todo momento, demonstrando um alto grau de necessidade de atenção. A Equipe **Simbolizando** ficou mais concentrada, sem conversa, mas num determinado momento iniciou-se um riso que começou com um, mas contagiou a equipe toda. Eles não paravam de fazer seus trabalhos e também não paravam de rir. Ao final todos apresentaram os trabalhos. Verificou-se nestes trabalhos uma nova fase de comunicação e expressão, com mais conteúdos, com mais cores, com mais elementos simbólicos e com mais expressão individual.



Imagem 25 - Palavreando sobre sonhos coloridos



Imagem 26- Simbolizando um lugar no mundo



Imagem 27 - Experimentando missanga, cor e calma.

3.18. A Última Pergunta

O que você ganhou participando das sessões de arteterapia com o grupo?

Respostas:

1. Perdi o medo das pessoas.
2. Ganhei amigos, que antes eu não tinha.
3. Apreendi cores.

4. Gostei de pintar e desenhar.
5. Gostei de dançar com o grupo.
6. Me senti mais alegre esse ano.
7. Foi muito bom, bom mesmo!
8. Pude me conhecer um pouco mais e descobrir que posso ficar triste e também ficar alegre.
9. Os amigos.
10. Consegui conquistar uma namorada.
11. Alegria.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

CONCLUSÕES

Como seria a vida sem sonhar
 Pois eu daria tudo para saber
 Porque quando sonhamos
 Sempre podemos realizar
 E viver
 E vivemos
 Para seguir, amar e ter.
 E temos certeza que brilhamos
 Tipo querer, desejar...
 É querer ter você
 Querer falar
 E falamos
 Sem nenhum receio de tentar até morrer
 E ter toda liberdade recuperar
 Sem sofrer.

Escrita de Adriana Cátia, mulher, 40 anos.

Realizei mais um estágio para portadores de necessidades especiais, utilizando a Arteterapia junto a uma população de pessoas que têm em comum, uma característica que os diferencia do padrão social da assim chamada normalidade e que comungam principalmente da impossibilidade de escolher o que querem para suas vidas. Percebi que até tentam dizer quem são e o que querem, mas como em muitos lugares da nossa sociedade ninguém se preocupa em ouvir o que as pessoas são. É a quantidade de necessidades especiais atendidas que interessa. Para atender essas necessidades especiais a atenção é mais voltada para o mercado de produção de coisas especiais (elevadores e escadas rolantes, ônibus especiais, computadores especiais, livros especiais, hotéis especiais etc). As Instituições que atendem à pessoas portadoras de necessidades especiais valorizam mais ainda os números. Quanto maior for o número de pessoas portadoras de necessidades especiais “atendidas”, maiores serão os investimentos dos Programas Especiais de Atendimento Social de Instituições Governamentais e de Instituições Filantrópicas. E nem sempre a qualidade do atendimento cresce proporcionalmente ao tamanho do investimento. É bem comum encontrar uma sala cheia de pessoas portadoras de necessidades “bem especiais”, tendo um professor, com “poucos recursos especiais”, para dar conta delas. A história das sociedades mostra que essa parceria necessidades humanas x necessidades financeiras, leva as Instituições de modo geral (Governamentais, de Ensino, de Saúde, de Comunicação, de Produção de Alimentos,

Religiosas etc.) a tomarem decisões focando os resultados mais rentáveis às organizações em detrimento do que é mais saudável às populações atendidas.

Considerando o processo de inclusão do aluno portador de deficiência mental, pode-se constatar a percepção do processo de inclusão escolar amparada muito mais como uma prática social e compensatória do que formadora acadêmico-profissional. Entretanto, pode ser evidenciado que os sentidos subjetivos do próprio aluno, quando realçados, refletem uma singularidade não demarcada pela deficiência, mas sim por sua historicidade enquanto sujeito, com vontades, desejos e perspectivas próprias e singulares.

Verifiquei com a prática deste estudo monográfico os benefícios da Arteterapia para uma população de jovens e adultos escondidos e excluídos, indicando ser um caminho possível a ser utilizado pelas instituições que atendem portadores de necessidades especiais para promover a expressão do humano especial e propiciar um espaço de criação da própria existência para reconhecerem-se não mais como uma engrenagem defeituosa da máquina social, mas se perceberem como pessoa que sonha, deseja, sente e pensa como todos Seres Humanos. É possível afirmar com base nessa experiência que a efetivação do processo de inclusão escolar do aluno portador de deficiência deve enfatizar não mais um desenvolvimento delimitado com base em sua deficiência, mas sim, objetivar tanto a valorização de papéis individuais e sociais, quanto à consideração desses sujeitos construtores e constituintes de suas relações sociais.

Perfil Inicial do Grupo

- Ausência de diálogos; falavam sozinhos; falavam muito e alto de forma desordenada sem perceber o interlocutor.
- Respostas monossilábicas nem sempre coerentes com a pergunta; repetir a pergunta e não dar resposta (ecolalia).
- Pouca ou nenhuma iniciativa.
- Esperavam que tudo lhes fosse dado e dito o que e como fazer, havendo entre a maioria dos participantes a necessidade de ajuda física, ainda que não houvesse limitação física.
- Pouca ou nenhuma habilidade manual;
- Alguns não sabiam nomear cores e formas;
- Pouca expressão criativa, lentidão, aparente tristeza ou apatia;

- Alguns participantes estavam medicados e apresentavam muita sonolência (na maioria dos casos a medicação era justificada pela queixa de agressividade em casa ou por sintomas de depressão);
- Dificuldade para se organizarem em roda;
- Pouca consciência corporal.
- Apenas três participantes apresentavam capacidade para escrita e leitura;
- Não conheciam ou nunca usaram a maioria dos materiais (plastilina, argila, sucatas, fios, tecido etc.);
- Todos conheciam guache lápis de cor e hidrocor, sendo desenho e pintura atividades bem aceitas pelo grupo; a colagem facilitava a identificação de interesses.
- Percebia-se repetição de mesma imagem, forma, tema ou cor; imagens e traços com características infantis correspondendo, na maioria, ao Dinamismo Matriarcal;
- Na pintura o destaque é para as misturas de cores, fazendo experimento de sensações, evidenciados por suas declarações (foi alegre, foi bom, relaxei).
- De um modo geral os participantes apresentavam comportamento infantil, mas eram muito obedientes.

Perfil Final do Grupo

- A representação corporal ganhou características de gênero e surgiram mudanças de atitude após 4 meses de encontros.
- Motivaram-se e esforçaram-se para decorar a data do aniversário e idade;
- Estabeleceu-se a confiança e vínculos entre os participantes do grupo; na chegada, ficavam conversando antes de entrar na sala;
- Cumprimentavam-se com abraço ou aperto de mão;
- As afinidades e as divergências entre um e outro colega eram expressas verbalmente e fisicamente - abraços, beijos e até tapas significavam afeto;
- Redução do uso de antidepressivo;
- Passaram a se vestir melhor.
- Perceberam o poder que ganharam como grupo e passaram a sugerir músicas e atividades e a escolha respeitava a vontade da maioria.

- Também surgiram para a arteterapeuta problemas para manter o silêncio durante a realização dos trabalhos.
- Diálogos na sala; comentavam sobre os trabalhos entre si, demonstrando mais intimidade entre eles e espontaneidade no ambiente.
- Meninas deixando o cabelo crescer e meninos cortando o cabelo e fazendo barba;
- Quem estava muito magro engordou;
- Dos que estavam muito gordos... nem todos emagreceram, mas todos se tornaram mais ativos e alegres.
- Quatro conquistaram namorados (as);
- Três se interessaram e começaram a aprender usar o computador.
- As palavras surgiram e as escritas criativas também.
- Os desenhos se tornaram mais coloridos e com mais conteúdos.

RECOMENDAÇÕES

A pesquisa sobre o uso do processo arteterapêutico para pessoas portadoras de necessidades especiais provou que esta metodologia propicia um caminho eficaz para possibilitar a comunicação e interlocução dessas pessoas que desejam, sonham e se entristecem, mas que também se alegram e podem mobilizar energias para sair do estado de solidão, participando e criando em grupos.

Esta pesquisa não é conclusiva, deixando a possibilidade de ser aprofundada por quem se interessar pela inclusão da subjetividade dos Portadores de Necessidades Especiais na sociedade. Eu se pudesse teria continuado o trabalho a partir de onde parei, criando subgrupos separados pelo critério da afinidade subjetiva: desejos afins, sonhos afins, visão de mundo etc.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. Educação dos Sentidos e mais.... São Paulo: Ed. Verus, 2005.
- BELLARDI, Ana L. & Christo, Edna C.. Reconstruído nossas histórias com Arte. Revista Imagens da Transformação, vol. . Rio de Janeiro: POMAR, 1999.
- DINIZ, Lígia. A Utilização da Arteterapia Na Clínica Infantil com Abordagem Junguiana. Revista Imagens da Transformação nº. 11 Vol. 10. Rio de Janeiro: POMAR, 2004.
- FREITAS, Elizabeth. Criação da clinica Psicanalítica. Revista Imagens da Transformação, vol. 4 out 1997, Rio de Janeiro: POMAR.
- HOLLIS, James. A Passagem do Meio: da miséria ao significado da meia-idade. São Paulo: Paulus, 1995.
- http://4.bp.blogspot.com/_TrB06CGAm5M/R7dDJulsoqI/AAAAAAAAABrQ/w5EkTITRL48/s400/Cidadania+Deficiência+Física.jpg: Imagem “Cidadania e Deficiência Física” em 16/Janeiro/ 2010.
- LIEBMANN, Marian. Exercícios de Arte Para Grupos: um manual de temas, jogos e exercícios. São Paulo: Summus, 2000.
- NASCIMENTO, Regina Maria. Arteterapia na Educação especial. Revista Imagens da Transformação, vol. 4, out 1997, Rio de Janeiro: Pomar.
- JUNIOR, D. L. Pureza. A Utilização do Material Alternativos em Arteterapia com Portadores de deficiência mental de Baixa Renda. Revista Imagens da Transformação, vol. 4, out 1997. Rio de Janeiro: Pomar
- OAKLANDER, Violet. Descobrimo Crianças: a abordagem gestaltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1980.
- PAIM, Isaiás. Curso de Psicopatologia. São Paulo: EPU, 1993.
- PAIN, S. E JARREAU, G. Teoria e Técnica da Arteterapia – A compreensão do sujeito. Tradução de Rosana Severino Di Lecone . Porto Alegre: Artes Medicas, 1996.

- PHILIPPINI, Angela. Arteterapia: Métodos, Projetos e Processos. Rio de Janeiro: Wak, 2009.
- ----- . Território Sagrado.Revista Imagens da Transformação, vol. 6, 1999, Rio de Janeiro: Pomar.
- ----- . A construção do Espaço Criativo através do processo arteterapêutico. Revista Imagens da Transformação, vol. 4, 1997, Rio de Janeiro: Pomar.
- ----- . Para Entender a Arteterapia: Cartografia da Coragem. Rio de Janeiro: WAK, 2004.
- ----- . Linguagens e Materiais Expressivos em Arteterapia: uso, indicação e propriedades. Rio de Janeiro: WAK, 2009.
- ----- . Universo Junguiano e Arteterapia. Revista Imagens da Transformação, Vol. II, 1995. Rio de Janeiro: Pomar.
- RHYNE, Jane. Arte e Gestalt: padrões que convergem. São Paulo: Sumus, 2000.
- SANTOS, Profa. Dra. Mônica P.Dos. A Inclusão da Criança com Necessidades Educacionais Especiais (1); Educação On-Line - www.educacaoonline.pro.br - O site da Educação. Acesso em Novembro/2009.
- SILVEIRA, Nise. Jung : Vida e Obra. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- TERRA, Clarice Cruz. Arteterapia E Loucura: Um Caminho Para A Inclusão De Adolescentes Psicóticos. Monografia. Rio de Janeiro: POMAR, 2008.
- WBARTIGOS.COM. Inclusão e Exclusão de Deficiente na Sociedade. Acesso em 25/10/2009.
- WWW.SACI.ORG.BR. Panorama da deficiência no Brasil. Acesso em 25/10/2009
- ZANCANARIO, Tania M. Educação Sexual de Pessoas com deficiência mental in Revista Educação Especial. Ed. 2007 nº 30 em www.smec.salvador.ba.gov.br, acesso em Novembro/2009.